

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

ANDRESSA GISELLY SOUSA DA SILVA

DO BAIRRO PATRIMÔNIO A AULA DE HISTÓRIA:
olhares sobre o processo de urbanização em Uberlândia

UBERLÂNDIA
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

ANDRESSA GISELLY SOUSA DA SILVA

DO BAIRRO PATRIMÔNIO A AULA DE HISTÓRIA:
olhares sobre o processo de urbanização em Uberlândia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História (INHis) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em História.

Orientadora: Dra. Marta Andréa Angelotti Carmo

UBERLÂNDIA
2024

ANDRESSA GISELLY SOUSA DA SILVA

DO BAIRRO PATRIMÔNIO A AULA DE HISTÓRIA:
olhares sobre o processo de urbanização em Uberlândia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História (INHIS) da
Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito parcial à obtenção do título de
licenciatura em História.

Aprovado (a) em: _____ de _____ de _____.

Prof.^a Dr.^a Maria Andréa Angelotti Carmo
Instituto de História - UFU
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Nara Rúbia de Carvalho Cunha
Instituto de História – UFU
Membro Interno

Prof.^a Dr.^a Regina Ilka Vieira Vasconcelos
Instituto de História – UFU
Membro Interno

Dedico este trabalho aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Decidi que deixaria para escrever (e reescrever) este tópico por último a fim de encontrar as palavras certas, e acredito que ainda me falte algumas para agradecer a todos os que de alguma forma passaram pela minha formação como pessoa, possibilitando a existência deste projeto. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha família: aos meus pais André e Jacinete, e meu irmão Andrey. Vocês sempre foram, e serão, meu norte. Agradeço por todo amor, apoio e até as brigas que nos permitiram chegar até aqui.

Gostaria também de agradecer a todos os amigos que fiz nesta caminhada pela Universidade Federal de Uberlândia, com um abraço especial para os alunos da turma 47 da História, sem vocês o curso não teria sido o mesmo. Em destaque, um abraço especial ao Lino que sem sua ajuda, apoio e amizade, para além da sala de aula, este trabalho não teria o mesmo final.

Agradeço também aos amigos que trouxe da vida e do meu lugar favorito: a escola. Um obrigada a todas as amigadas que fiz na Escola Municipal Professor Ladário Teixeira, agradeço a todos que me acompanharam até este momento, em especial à Thauany e Erik, com quem compartilhei tantas inseguranças e aventuras da infância até a vida adulta. Agradeço também as amigadas que construí na Escola Estadual Hortêncio Diniz, que tiveram um significado especial para mim. E a toda Escola Hortêncio, tanto pela receptividade para o desenvolvimento deste projeto, por ter sido um refúgio e impulsionadora de sonhos, que hoje me permitiram realizar um deles e me graduar em História. E aos colegas que construí no cursinho Futuro, Mikael, Bruno, Ana, Karine e Dani, também agradeço pelas risadas e pelo fortalecimento.

Agradeço a todos os amigos que construí nesses anos que venho trabalhando na Prefeitura Municipal de Uberlândia, que muito me fizeram amadurecer como profissional, e na esfera pessoal também. Nossos cafezinhos no meio tarde são um momento muito esperado no meu dia. Também agradeço ao meu namorado José Guilherme por todos os aconselhamentos neste trabalho.

E por último, agradeço a todos os professores que passaram pela minha formação, do Ensino Fundamental até aqui, que se sintam abraçados por uma nova colega de profissão. Agradeço especialmente à professora Maria Andréa, pela orientação e paciência, pelos risos e mensagens trocadas, sempre elegante e prestativa, tornou-se uma referência para mim.

À todos deixo aqui o meu muito obrigada, para os que mencionei e para quem não pude mencionar pelo nome, sou grata por todo amor, apoio, pelos choros e risadas que compartilhamos. Experimentar a vida sem vocês até aqui teria sido triste demais.

"Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu."

(Darcy Ribeiro, 1978)

RESUMO

O presente trabalho de monografia tem como objetivo analisar os olhares dos alunos do primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Hortêncio Diniz e dos alunos da Escola Estadual Segismundo Pereira sobre o processo de gentrificação que ocorre no bairro Patrimônio em Uberlândia desde a década de 1980. Logo, o estudo realiza paralelos entre a história local, memória e narrativa dos moradores antigos do bairro e a experiência dos próprios alunos da periferia da cidade, possibilitando a compreensão do processo de urbanização que ocorre no município e a validação das experiências dos estudantes e moradores como narrativas históricas relevantes. Dado esse enfoque, a análise se fundamenta com base nas análises das produções acadêmicas acerca do processo de gentrificação em Uberlândia, nos relatórios produzidos sobre o desenvolvimento do projeto e na produção dos trabalhos realizados pelos estudantes após o desenvolvimento do projeto. Assim, visa-se refletir sobre a relevância do trabalho em sala de aula com o presente-passado e a história local no ensino de história através da postura narrativa da própria prática em sala de aula.

Palavras-chaves: Ensino de História; PROINTER; Urbanização; Bairro Patrimônio; Memória.

ABSTRACT

The aim of this present study is to analyze the perspectives of first-year high school students from Hortêncio Diniz State School and students from Segismundo Pereira State School regarding the gentrification process occurring in the Patrimônio neighborhood in Uberlândia since the 1980s. Therefore, the study draws parallels between the local history, memories, and narratives of longtime residents of the neighborhood and the experiences of the students from the city's outskirts, enabling an understanding of the urbanization process taking place in the municipality and validating the experiences of students and residents as relevant historical narratives. Given this focus, the analysis is grounded in academic productions regarding the gentrification process in Uberlândia, reports on the project's implementation, and the production of works by students after the project's development. Thus, the aim is to reflect on the relevance of classroom work involving the present-past continuum and the use of regional history in history education.

Keywords: History Teaching; Gentrification; Urbanization; Patrimônio Neighborhood; Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Frigorífico Ômega em meados do século XX.....	24
Figura 2: Ilustração de Uberlândia no século XIX.....	24
Figura 3: Praia Clube no bairro Patrimônio em meados do século XX	26
Figura 4: Vista aérea da cidade Uberlândia com bairro Patrimônio destacado.....	27
Figura 5: Entrada da Escola Estadual Hortêncio Diniz	32
Figura 6: Mapa da cidade de Uberlândia com a Escola Estadual Hortêncio Diniz destacada .	32
Figura 7: Slide produzido para apresentação em sala aos estudantes.....	37
Figura 8: Slide produzido para apresentação em sala aos estudantes.....	37
Figura 9: Slide produzido para apresentação em sala aos estudantes.....	37
Figura 10: Slide produzido para apresentação em sala aos estudantes.....	38
Figura 11: Trabalho escrito de um dos estudantes sobre o Bairro Jardim América.....	39
Figura 12: Trabalho escrito de um dos estudantes sobre o bairro Santa Rosa	39
Figura 13: Entrada da Escola Estadual Segismundo Pereira	44
Figura 14: Mapa da cidade de Uberlândia com a Escola Estadual Segismundo Pereira destacada.....	44
Figura 15: Mapa de São Pedro de Uberabinha em 1891	47
Figura 16: Imagem do mapa de Uberlândia de 1927.....	48
Figura 17: Mapa da cidade de Uberlândia com o bairro Patrimônio e a Escola Estadual Segismundo Pereira destacados	48
Figura 18: Mapa da cidade destacado pelos estudantes	49
Figura 19: Mapa da cidade destacado pelos estudantes	49
Figura 20: Respostas do questionário em tabela	50
Figura 21: Respostas do questionário em tabela	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A CONSTRUÇÃO DO PROJETO INTERDISCIPLINAR.....	16
2.1 Planejamento e etapas de construção do projeto	16
2.2 Conhecendo a história do bairro Patrimônio	21
3 POR DENTRO DAS ESCOLAS	30
3.1 Escola Estadual Hortêncio Diniz	31
3.2 Escola Estadual Segismundo Pereira.....	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a refletir acerca do projeto desenvolvido nas disciplinas de PROINTER do Curso de Licenciatura em História e, analisar de modo comparativo as experiências e respostas obtidas dos alunos do primeiro ano do ensino médio das escolas Estadual Hortêncio Diniz e Estadual Segismundo Pereira mobilizando conhecimentos através da história local em sala de aula por meio do desenvolvimento do projeto “As disputas de poder no bairro Patrimônio em meio ao processo de urbanização em Uberlândia”.

O trabalho realizado nas escolas foi constituído através da disciplina de PROINTER sob a orientação da professora Nara Rúbia de Carvalho Cunha e do professor Gustavo de Souza Oliveira. As disciplinas têm como proposta desenvolver um trabalho interdisciplinar com alunos da educação básica, a fim de desenvolver a prática docente e levar para sala de aula projetos que se interligam com a realidade dos estudantes dentro da escola.

A disciplina de Prointer é obrigatória dentro do currículo de licenciatura em História, possuindo como ementa a seguinte descrição: “Projeto interdisciplinar de caráter teórico-prático. Integração entre as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão. Elaboração e execução de projeto de intervenção em situações, condições e processos concretos do trabalho docente na escola pública.” (Instituto de História, 2015)¹. É um componente curricular que objetiva a valorização do ensino-aprendizagem e o trabalho coletivo. A partir disso, este projeto foi desenvolvido ao longo das disciplinas de Prointer I, II e III. Assim, o projeto foi sendo construído, discutido até a fase de ser desenvolvido dentro do ambiente escolar. O projeto foi realizado durante as disciplinas em parceria com o colega de turma Lino José Pacheco Ferreira.

Na busca de um projeto que atingisse esse objetivo e dialogasse com a realidade material dos estudantes, foi desenvolvido o trabalho para se discutir um pouco sobre a história da cidade de Uberlândia, tendo o Bairro Patrimônio como centro das discussões. Com isso em mente, o exercício foi refletir acerca da urbanização da cidade utilizando uma história pouco contada pelos órgãos oficiais, considerando a narrativa dos antigos moradores do bairro Patrimônio como resistência. Neste contexto, houve de início a apresentação da história do bairro aos estudantes e depois trabalhadas questões sobre a cidade, havendo também reflexões relacionadas a suas realidades como sujeitos históricos válidos.

¹ A ementa do componente curricular pode ser visualizada no link de acesso a seguir: <https://encurtador.com.br/joSX4>. Acesso em 08 abr. 2024.

Por razões que serão discutidas com detalhes mais abaixo no trabalho, o projeto acabou sendo desenvolvido em um primeiro momento na Escola Estadual Hortêncio Diniz, que se mostrou uma surpresa agradável do destino. Minha formação pelo Ensino Médio se passou dentro das mesmas salas de aula acompanhadas durante o projeto, isto é, na Hortêncio Diniz. Descrevo aqui estes aspectos da minha formação no intuito de trazer à tona os motivos que me aproximaram deste tema de pesquisa.

Acredito que a minha escolha em ser professora de História não foi decidida em apenas um momento, foi uma decisão que se entrelaçou com toda a vida que tive e que escolhi ter. Sempre me dediquei ao espaço escolar, principalmente no ensino médio, em que, além de me dedicar às aulas e projetos, passava boa parte do meu tempo ajudando meus colegas com revisão de conteúdo. Ao longo do tempo, pude ter a sorte de conhecer muitos professores que me incentivaram a continuar no mesmo caminho, sendo que o estudo me serviu como forma de esperança para compreender melhor meu lugar na sociedade, especialmente relacionado a negritude e o que eu poderia realizar para que outros jovens nas mesmas condições sociais e materiais alcançassem o ensino superior, ou que pelo menos tivessem a oportunidade de desejá-lo.

Dentro da universidade, compreendo a necessidade de se ocupar espaços e acredito que só conseguimos atuar de maneira significativa na educação munido, não somente de experiência técnica, também conhecida como a “prática pela prática”, mas principalmente com conteúdo científico, com referencial teórico que permita a compreensão sobre a condição social e material que nos encontramos. Assim, podendo contribuir com um ensino diferente, no qual a igualdade de oportunidades é um verdadeiro reflexo de uma sociedade democrática.

E por isso esse projeto se torna tão significativo, uma forma de devolver ao ensino público o que ele pode oferecer para mim. Levar o trabalho para a Escola Estadual Hortêncio Diniz e Escola Estadual Segismundo Pereira foram essenciais para a concretização da formação em licenciatura com este trabalho. E, neste caso, coloco a Escola Estadual Hortêncio Diniz de modo especial pelas contribuições para minha trajetória.

E é no meio de tudo o que foi exposto, que o tema deste trabalho foi escolhido, além de ocupar espaços, é necessário levar a outros lugares o que foi construído e discutido dentro das paredes da universidade. Ainda mais quando essa construção de conhecimento se trata de uma parte da história sensível de Uberlândia, sendo importante para conhecer outras narrativas sobre a cidade para além das propagadas pela elite. No intuito de discutir sobre a cultura negra na cidade de Uberlândia, resistência e reflexões sobre o espaço urbano, começamos aqui a refletir

sobre a história que marcou o início e os dias atuais do Bairro Patrimônio, na cidade de Uberlândia.

A municipalização de Uberlândia ocorreu em 1888, mesmo ano da abolição da escravidão no país. Logo, a população negra dentro da cidade começa a se expandir e a ocupar outros espaços da cidade. Segundo Santos e Souza Júnior (2016, p. 78), a Igreja Nossa Senhora da Abadia decide vender a preços muito baixos terras doadas por um devoto para a população negra, começando, assim, a se formar o bairro Patrimônio. No entanto, com a criação do Praia Clube em 1935, e sua mudança para a área onde ficava situado o frigorífico Ômega após 1980, e o crescimento da cidade para o setor sul, o status da região começou a ser alterado, sendo realizadas melhorias no bairro, de modo que aos poucos os moradores foram obrigados a deixar a região e se mudarem para bairros mais afastados do centro da cidade. Para melhor compreensão desse contexto, tem-se que:

Originalmente, o bairro era denominado Patrimônio de Nossa Senhora da Abadia, pois fora resultado de doações de terras para a instituição Igreja Católica no contexto dos interesses dos donos de terras e meios de produção do século XIX. Localizado em espaço isolado do bairro Fundinho, principal parte do sítio urbano de Uberlândia no período, a área onde se formaram as moradias dos negros aforados era uma possibilidade atrativa para fixar um contingente de trabalhadores no entorno da cidade. Essa separação se realizava simbólica e materialmente, sendo a divisa entre os territórios dos negros e dos brancos demarcada pelo Ribeirão São Pedro (Santos; Souza Júnior, 2016, p.74).

Esta dimensão e compreensão sobre o bairro Patrimônio nos levou a desenvolver o projeto em sala de aula com o intuito de apresentar a história do bairro Patrimônio na cidade Uberlândia aos estudantes e estimular reflexões acerca da gentrificação, urbanização e relações étnico raciais. Cada etapa do projeto foi pensada e idealizada de maneira específica para cada escola onde ele foi desenvolvido, conectando-se com os Projetos Políticos Pedagógicos de cada uma. Houve também contato direto com os professores de história responsáveis pelas turmas em cada escola, sendo o professor Luiz Felipe de Assunção Fagaráz na Escola Estadual Hortêncio Diniz e a professora Jacqueline Aparecida Mendonça da Escola Estadual Segismundo.

Ao destacar o processo de gentrificação, aponta-se para a conceituação dada pelo antropólogo Emanuel Oliveira Braga, em um verbete encontrado no site do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional):

O vocábulo “gentrificação” é um aportuguesamento do inglês *gentrification*, usado pela primeira vez, provavelmente, pela socióloga britânica Ruth Glass na obra *London: aspects of change* (1964), onde a autora descreveu e analisou determinadas mudanças na organização espacial da cidade de Londres. O termo ganhou popularidade após seu uso em trabalhos acadêmicos sobre a

temática, acompanhando um fenômeno urbano presente em diversas temporalidades e espacialidades: o deslocamento, processual ou súbito, de residentes e usuários com condições de vida precárias de uma dada rua, mancha urbana ou bairro para outro local para dar lugar à apropriação de residentes e usuários com maior status econômico e cultural (BRAGA, 2016).

Em outras palavras, a gentrificação se dá em um processo de mudança do espaço urbano no sentido de valorizar, economicamente, a região, com a construção de edifícios e comércios com um padrão supostamente mais alto. Com essas transformações, ocorre uma mudança do perfil dos moradores de determinada localidade, substituindo os antigos habitantes por outros de poder aquisitivo mais alto, forçando uma expulsão econômica de quem antes ocupava aquele espaço.

Além da apresentação da história do bairro, foi apresentado aos alunos o documentário *Uberlândia, cidade menina* (Museu virtual de Uberlândia, 2016), que mostra pontos importantes da cidade durante a década de 1940, como praças, empresas e prédios. Contou com a direção de Emilio Sirkin, fotografia de Hélio Carrari, legendas de Jairo Pinto de Araújo e locução de Nélio Machado Pinheiro. O longa-metragem foi patrocinado pela Prefeitura de Uberlândia, Correio de Uberlândia, Associação Comercial e Industrial e Rotary Clube. A produção foi iniciativa das elites da cidade de Uberlândia, a fim de transmitir a ideia de uma cidade do progresso, excluindo a parte periférica da cidade das imagens. No entanto, o longa foi escolhido para contextualizar aos estudantes a imagem que muitos tinham e cultivam da cidade. Como o documentário apresenta a cidade da década de 40 e o início do processo de urbanização, foi pensado, como atividade, para que os alunos do primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Hortêncio Diniz pesquisassem e trouxessem materiais sobre a história do bairro em que moram. De outro modo, os alunos do ensino médio da Escola Segismundo Pereira receberam mapas da cidade em que puderam escolher quais os pontos da cidade são mais relevantes para si.

As atividades foram pensadas de modo diferente para cada escola sendo planejadas e desenvolvidas durante os meses de maio a agosto de 2022, devido ao formato que cada uma poderia receber/desenvolver o projeto. No caso da Escola Estadual Hortêncio Diniz, foram cedidas algumas aulas para o desenvolvimento do projeto com os alunos do primeiro ano do Ensino Médio. Na Escola Estadual Segismundo Pereira, o projeto seria desenvolvido em forma de oficina, utilizando 90 minutos. No entanto, manteve-se o intuito de trazer o estudante ao diálogo, fazendo-o trazer para a roda de conversa suas reflexões sobre o espaço urbano. A

escolha por trabalhar com a história local dentro da sala de aula leva a compressão de processos locais até a amplitudes maiores, como pontua Reznik (2010, 92):

A história local não se opõe à história nacional, muito pelo contrário. Ao eleger o local como circunscrição de análise, como escala própria de observação, não abandonamos as margens, os constrangimentos e as normas, que, regra geral, ultrapassam o espaço local ou circunscrições reduzidas. A escrita da história local costura ambientes intelectuais, ações políticas, processos econômicos que envolvem comunidades regionais, nacionais e globais.

Neste contexto, Circe Bittencourt também destaca que “a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer – igualmente por situar os problemas significativos da história do presente” (Bittencourt, 2005, p. 168). Fica clara, então, a relevância da utilização da história local como instrumento de aproximação entre os estudantes e as aulas de história.

Deste modo, podemos levantar a hipótese de que o trabalho com a história local possibilita ao professor uma maior proximidade do estudante ao tema trabalhado dentro do ambiente escolar. Com a reflexão acerca da própria realidade dos estudantes, existe a possibilidade de em maior ou menor grau de os estudantes se identificarem com a história dos moradores do bairro Patrimônio acerca do processo de gentrificação, das questões culturais, das relações étnico raciais, compreendendo suas próprias narrativas como históricas e válidas.

No caso da identificação ou não dos estudantes, questiona-se sobre se a história local, ao menos, consegue se colocar como uma exemplificação do tema proposto. No caso, ao se trabalhar com a gentrificação dentro da cidade de Uberlândia, o bairro Patrimônio poderia ser utilizado como exemplificação associável. Dentro do debate que circula a urbanização da cidade, outros temas acabam por se colocarem dentro da discussão, como a festa do congado e as questões étnico raciais dentro do espaço urbano. Neste sentido, a história local em diálogo com os estudantes também permite a compressão do problema em uma escala maior, avaliando ao menos parte da estrutura da sociedade uberlandense.

Importante mencionar que o trabalho não se propõe a mostrar uma fórmula de como se trabalhar, mas ser, na medida do possível, capaz de dialogar com os professores da educação básica, que se deparam com uma realidade de ensino cada vez mais desafiadora e complexa. Através da troca, é possível ensinar e aprender e, assim, construir um bom trabalho em parceria com os estudantes.

O desejo de fazer com que este trabalho se torne um ponto de diálogo para os profissionais da educação que trabalham com História em sala de aula, ou quem mais se interessar, vem de uma perspectiva de ensino que deseja construir e dar autonomia aos estudantes em busca da emancipação. Neste sentido, alguns nomes de historiadores vêm à cabeça e se destacam para fundamentar a análise. Nem todos são historiadores e aqueles que são possuem vertentes de pesquisa muito diferentes entre si. De todo modo, eles, e elas, foram fundamentais na formação de quem está escrevendo agora, contribuindo para que este trabalho fosse realizado desta maneira. É uma junção que considero importante, da teoria com a prática, em suas próprias histórias e formações, estes são: Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Demerval Saviani, Lélia Gonzalez, Maria Beatriz do Nascimento, Nara Rúbia de Carvalho Cunha, Regina Ilka Vieira Vasconcelos, Maria Andréa Angelotti Carmo, Déa Fenelon e Luís Reznik.

O trabalho se divide em dois capítulos. Em um primeiro momento, dedicado aos detalhes da pesquisa até o resultado da construção do projeto e análise das fontes utilizadas. O foco são os olhares para o Bairro Patrimônio e o processo de urbanização da cidade de Uberlândia, destacando a dinâmica de exclusão social que ele proporcionou a determinada parte da população da cidade. Em um segundo momento, o enfoque está destinado a descrição sobre o desenvolvimento do projeto em cada escola, apontando com detalhes as ações desempenhadas. Haverá também a análise das respostas dos estudantes sobre os temas levantados nas discussões com o objetivo de refletir sobre o espaço urbano da cidade de Uberlândia. Assim, será discutida a realidade material dos estudantes, utilizando a História Local em sala de aula e as compreensões dos estudantes sobre o tema proposto.

2 A CONSTRUÇÃO DO PROJETO INTERDISCIPLINAR

2.1 Planejamento e etapas de construção do projeto

A construção do projeto se iniciou com o componente curricular denominado “Printer I”, no 2º semestre letivo do ano de 2020, sob orientação do professor Gustavo de Souza Oliveira, ocorrendo de forma remota devido a pandemia de COVID-19. Por se tratar de um trabalho que visava adentrar as escolas de Uberlândia, o tema do projeto que o discente escolheria desenvolver deveria, de forma direta, relacionar-se com a realidade dos estudantes das escolas públicas de Uberlândia.

Dado esse contexto, buscou-se relacionar as intervenções com a história da cidade. Ao mesmo tempo, pensou-se em trabalhar com temáticas pouco discutidas em sala de aula, surgindo a escolha de se trabalhar com a história do bairro Patrimônio e a festa do Congado em Uberlândia. Com isso, vale mencionar que a escolha também se motivou pela possibilidade de trabalhar com relações étnico-raciais dentro de sala de aula, relacionando estas com a história local, podendo mostrar aos alunos um recorte silenciado e de muita violência na realidade material da cidade.

Além da própria temática, era necessário elaborar desde o início a metodologia do trabalho a ser desenvolvido na escola, elementos que poderiam ser reelaborados durante o componente curricular de “Printer II”. Neste contexto, o planejamento se inicia com a pesquisa sobre o tema e a escrita do pré-projeto para, ao futuramente chegar na escola, ministrar duas aulas sobre a temática. A partir de possíveis filmagens realizadas na escola, produzir-se-ia um mini-documentário dos estudantes sobre suas impressões acerca da temática. A princípio, a escola que seria escolhida, por indicação do professor Gustavo, era a Escola Estadual Américo Renê Gianetti, dado que tal escola era a mais próxima do bairro Patrimônio. Assim, poderíamos encontrar alunos do bairro na escola e trocar impressões sobre o projeto.

Diante disso, vale mencionar aqui que a elaboração do projeto ficou um pouco inconsistente devido a alguns motivos, tais como: a insegurança acerca da qualidade do material escrito no projeto, a falta de conhecimento para o trabalho com gravação e edição de vídeos, a falta de experiência dos discentes do curso em sala de aula. Tais fatores foram se ajustando em seguida, durante a segunda fase de elaboração do projeto.

Após esse primeiro momento em “Printer I”, em seguinte semestre, foi realizado a disciplina de “Printer II”, em que foi indicado pela professora responsável, Nara Rúbia, que o trabalho pudesse ser elaborado em duplas ou grupos maiores, devido a responsabilidade de entrar em sala e as reelaborações necessárias para a construção serem um tanto trabalhosas, requerendo um pouco mais de pesquisa e preparação para a sua realização. Neste momento, em

particular, houve uma conexão quase imediata com o projeto de um colega de turma, o Lino. O projeto tratava da urbanização da cidade de Uberlândia, utilizando o documentário *Uberlândia, cidade menina* (2016), que foi usado como recurso para problematizar a visão das elites sobre Uberlândia como uma cidade do progresso.

A partir disso, houve uma pequena mudança na temática do trabalho e ele se tornou sobre a urbanização e gentrificação na cidade Uberlândia, utilizando o bairro Patrimônio como exemplificação e o longa *Uberlândia, cidade menina* como possibilidade de abordagem. Porém, a ideia sobre a gravação de um mini-documentário foi abandonada. Havia uma expectativa de que a experiência das disciplinas de Prínter deveriam produzir um material físico, de modo que por muito tempo não se chegou ao que seria esse material, posto que o foco estava, erroneamente, colocado em produtos de mídias digitais, a exemplo do que outros colegas de curso estavam produzindo: jogos, podcast, slides.

Durante as aulas de Prínter, foi levantada a possibilidade de trabalhar com material em papel, o que foi uma agradável surpresa e abriu, de maneira prática, os nossos olhos para a abertura de espaço, em que o estudante pudesse falar por si, com uma experiência prática dentro do ensino de História.

Houve tentativa de contato com três professoras de História da Escola Estadual René Gianetti, porém as duas primeiras professoras não puderam nos receber com nossos trabalhos. De todo modo, a terceira professora aceitou nos receber com o projeto, de maneira que nos organizamos para trabalharmos com uma realidade estudantil que, supostamente, conhecia a região do bairro Patrimônio, devido à proximidade geográfica. Assim, o projeto seria operado com alunos do primeiro ano do ensino médio da escola.

Devido a discrepância do calendário da Universidade Federal de Uberlândia com os das escolas estaduais, o projeto não pode ser desenvolvido presencialmente no primeiro momento, devido ao ensino remoto que vigorava na universidade. Neste sentido, preparamos um formulário online que foi enviado para a professora, que ficaria sob responsabilidade de repassá-lo aos estudantes. Eles deveriam responder ao formulário após assistirem o documentário *Uberlândia, Cidade Menina*. O formulário contava com as seguintes perguntas: 1) Qual seu nome?; 2) Quantos anos você tem?; 3) Qual sua turma?; 4) Qual bairro você mora?; 5) Possui acesso à internet?; 6) Em quais dispositivos você acessa a internet em casa?; 7) Com qual frequência você possui acesso a internet durante a semana?; 8) Como você se autodeclara?; 9) O que você mais gosta de estudar em História?; 10) Você costuma estudar história fora da escola? 11) Se sim, nos fale um pouco sobre como você estuda história fora do ambiente escolar; 12) Você conhece a história da cidade de Uberlândia? Se sim, faça um pequeno resumo do que

conhece; 13) Onde você ouviu essas histórias sobre Uberlândia? Na escola? Em casa? Nos diga um pouco sobre; 14) Você gostou de assistir ao vídeo de "Uberlândia cidade menina"? Nos diga um pouco sobre suas impressões sobre o vídeo. Por que você gostou ou não de assistir ao vídeo?; 15) De que forma o vídeo "Uberlândia, cidade menina" apresenta a cidade? Quais foram os locais e pessoas que ele mostrou?; 16) Você acredita que o vídeo "Uberlândia, cidade menina" apresentou a cidade como um todo? Ou alguma parte da cidade, alguma parcela da população não foi mostrada? Por que você acha que o vídeo fez essa escolha?; 17) Você conhece o processo de urbanização? Se sim, explique esse processo em poucas palavras?; 18) Você conhece ou já ouviu falar do bairro Patrimônio? Você já visitou o bairro Patrimônio, se sim qual local você visitou? e 19) Qual tipo de população você identifica no bairro Patrimônio? Você o considera como um bairro de classe média alta ou baixa?

A proposta, com esse formulário, era suprir a vontade de conhecer o perfil dos estudantes com quem iríamos desenvolver o projeto, entendendo melhor sobre as suas impressões sobre a cidade de Uberlândia. No entanto, desde o início, houve algumas tentativas de contato frustradas com a professora da escola, além de que apenas três estudantes responderam o formulário, dado que a professora não havia enviado para toda a turma. Outro ponto de conflito foi sobre o calendário acadêmico. A professora nos solicitou que houvesse um encontro presencial na escola, o que não poderia acontecer porque na universidade continuávamos realizando as atividades de forma remota. Como estávamos perto do final do semestre, a professora da escola preferiu não continuar com o projeto.

Ao nos depararmos com a realidade sem docentes das escolas para executar o projeto, recebemos a indicação de uma colega de turma sobre um professor que se interessaria pelo projeto. Ao receber a resposta positiva deste professor, encontramos uma realidade diferente da planejada. A escola em que o professor lecionava era a Escola Estadual Hortêncio Diniz, escola da zona norte da cidade de Uberlândia, uma região geograficamente longe do bairro Patrimônio. Essa experiência poderá ser acompanhada a partir da análise detalhada mais adiante.

Era intuito do projeto abordar a formação social do bairro Patrimônio, trabalhando com as questões acerca da marginalização e utilizando a visão dos antigos moradores do bairro no que se refere ao processo de gentrificação. Com isso, a proposta era promover reflexões sobre o espaço urbano de Uberlândia e analisar através das percepções dos estudantes as possibilidades de elaboração de conhecimentos com a história local no Ensino de História, além de abarcar perspectivas de aproximação entre o ensinado e o vivido pelos estudantes.

Neste sentido, busco analisar as experiências dos estudantes e dos moradores do bairro Patrimônio, evidenciando suas contribuições na História da cidade através da História Local

em sala de aula. A proposta é não apagá-las da mesma maneira que os órgãos oficiais da cidade de Uberlândia fazem, e sim fazer um trabalho de preservação dessas memórias, apresentando os dois lados da moeda, tanto para o conhecimento da história quanto para a compreensão do individual (Paim, Araújo, 2018), bem como compreender que o local também é um espaço de transformação, tanto política quanto simbólica (Almeida, 2020, p.4).

Outro ponto importante dentro do trabalho do docente com o ensino de História é não abandonar a pesquisa e a divulgação científica, de modo que é importante para que os alunos entrem em contato com o conhecimento científico. Tanto para a consolidação do referencial teórico do professor quanto para a emancipação das classes (Saviani, 2008) nas buscas de uma sociedade mais igualitária, principalmente, para que os estudantes possam se enxergar também como sujeitos históricos. Uma das formas de se trabalhar, na pretensão de se realizar um diálogo entre o ensino de história com os estudantes, seria o uso da memória, como pontua o historiador Luís Reznik (2010, p. 91):

[...] nossa identidade, se relaciona com a memória, ou seja, fundamenta-se naquilo que reconstituímos do passado como experiência importante. A memória é um patrimônio e tem valor fundamental para a nossa existência, assim como os bens materiais que dão suporte para o nosso cotidiano: uma casa, um carro, uma máquina fotográfica, um livro, um celular ou uma geladeira. A memória coletiva é patrimônio da coletividade.

Reznik continua pontuando sobre como o uso da história local não limita a visão do estudante acerca da realidade (Reznik, 2010, p. 92). A escolha em trabalhar com a memória se torna um elemento fundamental para a aproximação dos estudantes ao tema proposto. Ao escutar as histórias dos moradores do bairro Patrimônio, os estudantes conseguem refletir acerca da sua própria realidade material, fazendo com que o trabalho com a história local tome um peso maior, dado que aumenta a escala com a qual se enxerga o problema proposto. Assim, a reflexão consegue chegar a outros lugares.

Conforme aponta Michel de Certeau (2007): “o gesto que liga as ‘ideias’ aos lugares é, precisamente, um gesto de historiador. Compreender, para ele, é analisar em termos de produções localizáveis o material que cada método instaurou inicialmente segundo seus métodos de pertinência”. Neste processo, o professor deve atuar como mediador (Toledo, 2016, p. 44) buscando efetivamente trabalhar com uma perspectiva emancipadora de ensino, do mesmo modo que trabalha o educador Dermeval Saviani, já mencionado anteriormente no que tange a transposição didática. Tal emancipação do estudante, promovida através da mobilização da História Local dentro do Ensino de História em sala de aula, promove também a sua identificação com o espaço em que vive, auxiliando não apenas na formação básica, mas

também na construção de cidadãos. Dessa forma, os estudantes podem ter as ferramentas teóricas e metodológicas necessárias para compreender o local em que ocupam na sociedade uberlandense, por meio de episódios que gerem reconhecimento e interligação entre o passado e o presente na sua realidade material. Assim, os estudantes podem se compreender como sujeitos ativos de sua própria História, realizando a relação da História local de Uberlândia com o restante da História política brasileira, por exemplo.

Utilizando-se dessas novas habilidades para quebrar as obviedades da sociedade brasileira, tidas como verdade sobre a falha da educação, dos pobres viverem dos ricos (Ribeiro, 1986) ou, em num nível local, de que bairros como o Fundinho e o Patrimônio sempre foi um espaço de pessoas mais abastadas. Com o processo de gentrificação, a História do local desses moradores foi apagada e eventos como o nascimento do Congado, mais antigo até que a cidade de Uberlândia, foi substituído por uma realidade e discurso hegemônico da posição social deste bairro, posto como um lugar de sujeitos de boas condições financeiras e apartados dos movimentos culturais e sociais da cidade.

Importante destacar que além da leitura da bibliografia e do apoio dos professores para a realização do projeto, ele foi construído dialogando com competências e habilidades específicas das ciências humanas para o Ensino Médio propugnadas na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e o Currículo Referência do Ensino Médio de Minas Gerais para o campo de ciências humanas:

[Competência Específica 1] Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica”. (Brasil, 2018, p. 571).

“[Habilidade EM13CHS102] Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos”. (Brasil, 2018, p. 572).

“[Habilidade EM13CHS104] analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço”. (BRASIL, 2018, p. 572).

“[Competência específica 1] Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles (Minas Gerais, 2020, p 39).

Apesar das críticas existentes e válidas sobre a BNCC e até sobre o Currículo Estadual para a área de Ciências Humanas para sala de aula, é necessário ao profissional da educação se colocar à disposição para aprender sobre elas. Com isso, apoderar-se daquilo que é necessário para um bom trabalho com os estudantes e colocar em prática. Claro, não de modo automático e sem reflexão, mas sim aquilo que, de fato, faz sentido à realidade material do ambiente escolar.

2.2 Conhecendo a história do bairro Patrimônio

A cidade de Uberlândia começou no início do século XIX, aproximadamente em 1818, na fazenda São Francisco, que foi a sede da Sesmaria de João Pereira da Rocha, o primeiro a assentar residência fixa nesta região, popularmente conhecida como “O Sertão da Farinha Podre”. Em meados de 1835, os irmãos Luiz, Francisco, Antônio e Felisberto Carrejo, compraram de João Pereira parte de suas terras para formar as respectivas propriedades de Olhos D'Água, Lage, Marimbondo e Tenda; que até os dias de hoje permanecem na zona rural da cidade. Felisberto Alves Carrejo comprou e transferiu sua residência para 10 alqueires de terra, nas imediações do Córrego Das Galinhas, atual Avenida Getúlio Vargas (Lopes, 2019). Naquela ocasião, esta porção de terra já era habitada por um pequeno número de pessoas, de modo que este local, atualmente, corresponde ao Bairro Tabajaras. Os moradores das imediações solicitaram ao Bispado a permissão para a construção de uma Capela, para ser dedicada à Nossa Senhora do Carmo. Ela foi idealizada em 1846 e construída em adobe e barro, de modo simples em termos arquitetônicos. Para viabilizar a sua construção, os procuradores da obra compraram de D. Francisca Alves Rabelo, cem alqueires de terras, entre os Córregos Das Galinhas e São Pedro (Lopes, 2019).

O bairro Patrimônio também tem suas origens no século XIX, especificamente em 1883 com a doação de 12 alqueires de terra para a Igreja Nossa Senhora da Abadia pelo fazendeiro e devoto de Nossa Senhora da Abadia José Machado Rodrigues (Diário de Uberlândia, 2019). A cidade de Uberlândia se emancipa de Uberaba em 1888, ano em que ocorreu a abolição da escravidão no Brasil, sendo que as terras doadas à igreja foram vendidas a preços baixos para os libertos. Esse processo deu origem ao bairro Patrimônio (Nunes, 2023, p.17). Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, a palavra *cidade* tem como significado:

povoação que corresponde a uma categoria administrativa (em Portugal, superior a vila), geralmente caracterizada por um número elevado de habitantes, por elevada densidade populacional e por determinadas i

nfraestruturas, cuja maioria da população trabalha na indústria ou nos serviços.²

Fica evidente que, como construção humana, para a cidade existir e subsistir é necessária a presença de pessoas que a constroem e a compõem. Por este motivo, se o objetivo é conhecer uma cidade, não deve se limitar apenas a alguns nomes, deixando de lado a periferia, posto que esta também a compõem.

Importante, então, a relevância de se conhecer a história do bairro Patrimônio para traçar um perfil completo da cidade. Na época, por se tratar de uma área pobre e sem pavimentação, o que vale mencionar que tal falta de recursos se deve ao fato de os moradores serem negros e pobres, os moradores do bairro ficaram conhecidos como "pé vermelho" devido ao chão de terra. Diante disso, tem-se um relato do morador:

O Patrimônio, de primeira, ninguém queria terreno no Patrimônio. Porque era terrão, né? Rua não tinha calçamento, não tinha água encanada, então ninguém queria. Falava: 'Patrimônio... É pé vermelho'. Porque era barro mesmo, mas era povo tudo trabalhador mesmo (Santos; Souza Júnior, 2016, p. 74).

Tal marginalização do bairro está completamente ligada ao fato do bairro ter em sua maioria uma população negra como residente. Esse fato é um reflexo do movimento de segregação racial e social que existia na cidade de Uberlândia, conforme pontua um antigo morador do bairro Patrimônio:

Subindo pela Avenida Afonso Pena, o lado esquerdo era destinado aos brancos. Havia o bar da mineira, a confeitaria na hora e o bar da braceria. E os negros, o passeio dos negros ficava do lado direito. Quantas vezes eu passava diante do bar da mineira e lá estava aquele pessoal, a burguesia, tomando uísque, cerveja, e a gente passava do outro lado, com aquela vontade de entrar, mas não podia. Mesmo no Uberlândia Clube eles não aceitavam negros, nem para lavar banheiro (Brasileiro, 2006, p.11).

Ainda com a construção do frigorífico Ômega na década de 1940 (Museu Virtual de Uberlândia, 2016) e o emprego de muitos moradores, o estereótipo dos residentes do bairro continuou atrelado à pobreza, violência e baderna. Assim, foi formado um bairro marginal que, posteriormente, viria a compor uma parte importante da expansão urbana uberlandense com a mudança do Praia Clube para o local que, anteriormente, encontrava-se o Frigorífico Ômega, após os anos de 1980. O trabalho no frigorífico era extenuante, como aponta Adão Rodrigues, trabalhador que desempenhou algumas funções dentro da charqueada Ômega:

eles estendia a carne, dali duas horas, eu começava a recoiê aquela carne do varal, eu ia catano aqueles cavaco que caía, sempre arrebentava, eu catava aquilo e lavava... aí eu começava sete hora... parava cinco hora... com quinze

² Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cidade>. Acesso em: 11 abr. 2024.

ano, aí eu mudei, comecei (trabalhar) na matança, ajudando lá, trabaiava de praieiro, praieiro é lavá, com a lata, pegava água ia lavá aquele sangue que caia, aí depois eu aprendi trabaiá de faca, desposta, aí cê tinha que i treis hora da madrugada, naquele tempo fazia frio, nós naquele tanque gelado, que daqui (com a mão na altura da cintura) ficava gelado, que era descalço... trabaiava o dia inteiro descalço... antigamente era assim (Carmo, 2009, p.149).

Tal trabalho era uma das “funções de preto”, conforme apontado por Luiz Carlos do Carmo (2009). Algumas funções dentro da cidade estavam totalmente atreladas aos negros, como o trabalho na charqueada, olaria e o calçamento das ruas. Nestes trabalhos, não haviam homens brancos exercendo e eram mal remunerados, de modo que os trabalhadores pretos tinham que recorrer a diversas horas extras de trabalho para garantir o necessário para a compra de um terreno para morar e, ainda, sem condições de construir o imóvel (Carmo, 2009, p.166). A importância da charqueada para a consolidação do bairro se dá através da oferta de empregos, de modo que quando completada a força de trabalho o suficiente, houve a construção e entrega de 50 casas, iniciando o Conjunto Habitacional Patrimônio (Moura, Soares, 2010, p.27). A Figura 1 ilustra o frigorífico Ômega.

Figura 1: Frigorífico Ômega em meados do século XX



Fonte: Print screen de vídeo no Youtube

Figura 2: Ilustração de Uberlândia no século XIX



Fonte: Print screen de vídeo no Youtube

Um ponto importante a se ressaltar a respeito da cultura popular do bairro é a Festa do Congado em louvor a Nossa Senhora do Rosário, que é a padroeira dos negros e por isso foi adotada pela população negra de Uberlândia. A festa ocorre todo mês de outubro desde a época em que Uberlândia ainda se chamava Uberabinha e era um distrito de Uberaba³. Portanto, trata-se de um movimento popular mais antigo do que a própria cidade onde ele ocorre. De outro modo, destaca-se que a festa também já foi celebrada no mês de novembro, no entanto, houve uma troca de datas, sendo, inicialmente, comemorada em outubro, depois coloca em novembro e realocada para outubro novamente, conforme afirma o Capitão Manoel Saturnino Rodrigues, ex-capitão de um dos moçambiques:

Aliás, essa festa era em outubro, mas como depois foi registrada a Irmandade dos Homens de Cor de Uberlândia, surgiu a Irmandade dos brancos que é lá da Catedral. Aí, ficou combinado que fazia a festa do Rosário em Novembro e fazia a festa dos brancos em outubro porque era só interno. Agora a festa nossa como era interna e externa, ficou para novembro, mas ela era mesmo em outubro (Brasileiro, 2006, p. 40).

A mudança de data da festa para outubro ocorreu em 2003, no que seria uma tentativa de unificar a liturgia católica à festa popular, devido ao mês de outubro ser o mês de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Chegou a ser apontado que a transferência da festa de outubro para novembro em 1916, foi devido a necessidade da força de trabalho nas lavouras durante o mês de outubro (Brasileiro, 2006, p. 41).

O Congado se originou no Brasil Colônia, no século XVII, como uma manifestação religiosa e cultural que mistura elementos católicos com o das religiões de matrizes africanas,

³ Uberlândia só recebeu este nome em 1929.

sobretudo da Angola e do Congo. A Festa do Congado conta com teatro, danças e cantos tanto em português, quanto em bantu (Bezerra, s.d.).

Na cidade de Uberlândia, os preparativos para a festa começam em agosto. O Congado em si acontece no segundo domingo de outubro, às 6 horas da manhã são disparados fogos de artifício e os grupos de Congado, conhecidos como ternos, encontram-se para o desfile. O desfile sai da Rua Prata, no bairro Nossa Senhora Aparecida, e vai até a Avenida Floriano Peixoto, no Centro, ocupando a praça Rui Barbosa e os arredores da Igreja Nossa Senhora do Rosário. Após as apresentações, os ternos retornam à Igreja, na qual acontece uma procissão e a coroação dos Reis e Rainhas do ano seguinte (PORTAL DA PREFEITURA DE UBERLÂNDIA). O ápice da festa do Congado ocorre nos dias do desfile que encerra toda a preparação que é feita a um ano, a festa marca disputas tanto pelo espaço público como a afirmação das identidades dos participantes, conforme pontua Jeremias Brasileiro (2006, p. 20):

Diante disso, poder-se - ia deduzir que nas Congadas se concentrariam uma multiplicidade de elementos capazes de caracterizar a festa enquanto reafirmação de identidades culturais: desfiles; procissões; missas campais; coroações de reis e rainhas; coroações dos Festeiros de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário; visitas recíprocas dos grupos; convidados da região e espectadores; longas caminhadas pelas ruas da cidade no segundo dia de festa; o levantamento dos mastros de São Benedito e de Nossa Senhora e de outros santos de devoção; o aglomeramento de pessoas e Congadeiros nos respectivos quartéis na hora do almoço, do jantar e a disputa deles pelos lugares públicos: ruas, avenidas, passeios e praças.

Atividades como o carnaval e o Congado são formas de lazer que surgem de acordo com a situação e posição social da comunidade em que elas se originam, fazendo parte da vida da comunidade, de maneira que esta tem suas práticas sociais envolvidas com os festejos durante todo o ano, a exemplo das redes de manutenção da festa que são criadas. Logo, o lazer do bairro Patrimônio são expressões da realidade dura que os moradores encontram no seu dia a dia, principalmente porque são através destas festividades que tais moradores são vistos pela cidade, em contraste com o apagamento sistemático que sofrem cotidianamente. As festividades também servem como forma de marcar a identidade do bairro e de seus habitantes, de forma que mesmo após se mudarem não se esquecem de que são originários do bairro Patrimônio (Santos; Souza Júnior, 2016, p. 79-80). Dentro do bairro, cria-se, então, um senso de coletividade e aprendizado durante todo o processo de preparação até a execução do festejo. A arrecadação de fundos, doações, confecção de vestuários e ensaios requerem um forte engajamento social da comunidade, que perdura desde os tempos do ‘pé-vermelho’ até a contemporaneidade (Santos; Souza Júnior, 2016, p. 77). Assim, por mais que haja a tentativa

de apagar esse passado, não é uma tarefa fácil porque exigiria também o apagamento da memória que o eterniza.

É importante ressaltar que após a criação do Praia Clube em 1935 e depois a mudança dele para o local onde se encontrava a charqueada Ômega nos anos 1980, a cidade de Uberlândia foi se expandindo para o setor sul até chegar no bairro Patrimônio, trazendo consigo a classe média que deseja se afirmar naquele local, bem como a especulação imobiliária que já se encontrava presente na região (Santos; Souza Júnior, 2016, p. 78).

Figura 3: Praia Clube no bairro Patrimônio em meados do século XX



Fonte: Rede social Facebook

O Patrimônio deixou, então, de ser uma parte marginalizada da cidade e se tornou um local privilegiado, de modo que apenas depois dos anos 1990, quando o bairro começa a ser “visto” pelo poder público, obteve-se asfaltamento e saneamento. Tais mudanças ocorrem tanto pela proximidade do bairro com a região central da cidade, quanto também pela proximidade com o Praia Clube que, tradicionalmente, sempre atendeu as classes mais abastadas da cidade. Essa mudança de *status* não atingiu positivamente os antigos moradores do bairro Patrimônio, dado que se viram diante de uma nova realidade, em que caso quisessem manter as memórias e suas tradições locais teriam que lutar por isso ou acabariam sendo expulsos do local com o aumento dos custos de vida. A partir desses elementos, pode-se afirmar que isso ocorreu devido a um forte processo de gentrificação do bairro diante do processo de urbanização que ocorreu a partir da década de 1980. (PAIVA, 2003, p.27).

Figura 4: Vista aérea da cidade Uberlândia com bairro Patrimônio destacado



Fonte: Google Maps

Os bairros adjacentes ao Patrimônio se dividem do lado oeste do rio Uberabinha, sendo estes o Altamira II, Morada da Colina e Tabajaras e, do lado leste, o Cidade Jardim e o Tubalina. As duas vias de principal acesso ao Patrimônio são a Avenida Rondon Pacheco, outrora Córrego São Pedro que após aterrado se tornou uma das vias de maior importância para a cidade, e a Avenida Liberdade, que liga o bairro diretamente ao Praia Clube. Há também a Avenida Francisco Galassi que corta o restante do território. Das três avenidas que atravessam a vizinhança, apenas a Avenida Francisco Galassi que não facilita diretamente o acesso ao Praia Clube, sendo esta, então, a região de maior importância do bairro, visto o privilégio dado ao seu acesso pelo planejamento urbano de Uberlândia.

A avenida Rondon Pacheco liga o bairro Patrimônio ao Centro, este que fica a 4,4 km do bairro. Outro ponto de interesse é o Uberlândia Shopping, que fica a 3,4km do bairro. Os hospitais mais próximos são a Unidade Básica de Saúde Patrimônio, que se encontra dentro do bairro, e as instituições privadas CM Hospitalar, situado no bairro Morada da Colina, e o Complexo Uberlândia Medical Center, situados respectivamente a 3,6 km e 2,8 km. A escola mais próxima é o Colégio Nacional Unidade Rondon e o Colégio Copacabana, ambas dentro do bairro. Quanto às escolas públicas, as mais próximas são a Escola Municipal Professor Luíz Rocha e Silva e a Escola Municipal de Ensino Infantil São Francisco de Assis, respectivamente a 2,3 km e 2,5 km, ambas de ensino infantil e Fundamental I, localizadas no bairro Tubalina. A escola pública de ensino médio mais próxima se encontra no bairro Lídice, a 3,4km, sendo ela a Escola Estadual Honório Guimarães.

Com isso, entende-se o bairro Patrimônio como um bairro de classe média, cercado por outros bairros semelhantes a ele, em que as atividades ao entorno são construídas para alto gasto financeiro, seja no próprio bairro Patrimônio ou nos arredores, de modo que saúde, educação e outros bens básicos, na sua forma pública, são de difícil acesso. Deste modo, possui apenas uma unidade básica de saúde para toda a população e nenhuma escola pública. Assim, o processo de gentrificação se faz presente na malha sócio-estrutural do bairro, tornando as atividades do dia a dia total ou parcialmente inacessíveis na sua forma gratuita, de maneira que o espaço, antes habitado por famílias marginalizadas, torna-se caro. Com isso, o espaço do bairro é mercantilizado, servindo-se à especulação imobiliária, que encarece tudo a sua volta e força os antigos moradores a deixarem o bairro, dado que ele não mais se mostra economicamente viável de ser habitado por aquela população, originalmente preta e pobre. Em contrapartida, essa população é, então, substituída por uma nova capaz de ter acesso a essas atividades pagas, logo, sujeitos de classe média e ascendentes.

Nesse contexto da chegada de uma nova classe social ao bairro, em detrimento dos antigos moradores, alguns conflitos são relatados. Essa nova classe recém-chegada, os novos moradores, estressam-se com a congada, alegando que fazem barulho demais, usando isso como motivo para boicotar o evento e isolar os congadeiros, até mesmo propondo que as festividades ocorram em outro lugar (Brasileiro, 2006, p. 28). Logo, os antigos moradores, além das novas dificuldades para a manutenção da Congada, eles têm de lidar com a valorização comercial da região e com aumento de preços, fatores intimamente ligados à especulação imobiliária. Assim, acabam sendo coagidos, pela dificuldade da realidade material, a vender suas casas e irem morar em áreas mais afastadas do centro da cidade.

A partir dessas dinâmicas, a história do bairro Patrimônio se torna um microcosmo da História da construção, e crescimento, de toda a cidade de Uberlândia. Ao trabalhar com sua formação e relação com o Congado, é possível desvendar as disputas de poder e memória da cidade e, por que não dizer, do Brasil. Por essa perspectiva, proporciona-se ao estudante a possibilidade de se reconhecer nesse espaço. A memória é uma parte fundamental da identidade individual e coletiva, como pontuado por Reznik (2010, p. 91):

[...] nossa identidade, se relaciona com a memória, ou seja, fundamenta-se naquilo que reconstituímos do passado como experiência importante. A memória é um patrimônio e tem valor fundamental para a nossa existência, assim como os bens materiais que dão suporte para o nosso cotidiano: uma casa, um carro, uma máquina fotográfica, um livro, um celular ou uma geladeira. A memória coletiva é patrimônio da coletividade.

Diante disso, o autor segue argumentando sobre como o uso da história local não limita a visão do estudante acerca da realidade (Reznik, 2010, p. 92). A escolha em trabalhar com as memórias se torna um elemento fundamental para a aproximação dos estudantes ao tema proposto. Ao escutar as histórias dos moradores do bairro Patrimônio, eles conseguem refletir acerca da sua própria realidade material, de modo que o trabalho com a história local toma um peso maior, aumentando a escala com a qual se enxerga o problema ali proposto. A reflexão consegue chegar a outros lugares. Assim, objetiva-se trabalhar as experiências dos estudantes e dos moradores do bairro Patrimônio e suas contribuições na história da cidade.

No intuito de não as apagar como os órgãos oficiais da cidade de Uberlândia por vezes tentam fazer, torna-se necessária a preservação dessas memórias, devendo apresentar os dois lados da moeda e entendendo o conhecimento da história como, também, a compreensão das individualidades (Paim, Araújo, 2018). Para isso, utilizou-se como fonte o relato dos próprios moradores do bairro Patrimônio sobre a gentrificação da região, que foram coletados nos

trabalhos dos historiadores Jeremias Brasileiro, Roosevelt José Santos e Carlos Roberto Bernardes Sousa Júnior.

Para o trabalho de avaliação e análise do projeto desenvolvido em parceria com os estudantes, torna-se necessário também considerar as respostas deles à pesquisa desenvolvida como fontes. Foram criados formulários e trabalhos entregues como forma de coleta de dados.

3 POR DENTRO DAS ESCOLAS

Durante as pesquisas para a elaboração do projeto do componente curricular de Prointer, foi possível reconhecer uma perspectiva, ainda que restrita a um bairro, da história de Uberlândia pouco tratada dentro das salas de aula. Em razão dessa condição, o projeto com a temática sobre a história do bairro Patrimônio ocorreu na tentativa de aproximar o estudante da história da cidade, uma história que se manteve afastada dos registros e narrativas mais conhecidos e divulgados no ensino, como também do conhecimento geral da comunidade uberlandense.

O desenvolvimento do projeto em parceria com as escolas e os estudantes, buscou promover uma reflexão acerca das possibilidades da elaboração de conhecimentos com a história local no Ensino de História, utilizando como parâmetro atividades realizadas por estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Hortêncio Diniz e da Escola Estadual Segismundo Pereira. As reflexões estiveram relacionadas com as disputas de poder, memória e racismo estrutural existentes na formação do bairro Patrimônio, relacionando com o processo de urbanização na cidade de Uberlândia. Para entender o racismo estrutural nesse processo, evoca-se as contribuições de Silvio Almeida (2019, p. 31-32):

se é possível falar de um racismo institucional, significa que a imposição de regras e padrões racistas por parte da instituição é de alguma maneira vinculada à ordem social que ela visa resguardar. Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente – com todos os conflitos que lhe são inerentes –, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos.

A partir dessa elaboração do autor, fica evidente que o modo como os órgãos públicos tratam o caso do bairro Patrimônio e da população que vivia ali. Esse trato é também um reflexo da sociedade que, em sua postura racista, apenas observou o processo de gentrificação acontecer, considerando, como o Silvio Almeida expõe, que as instituições são a materialização da sociedade em que vivemos. Neste sentido, explorar as dinâmicas de constituição do bairro Patrimônio, apontando o racismo presente em suas estruturas, permite que tais moradores sejam vistos e ouvidos. Além disso, trata-se também de uma forma educacional que se posiciona contra o racismo, sendo antirracista, de modo que os estudantes possam enxergar tais condutas e as denunciar, se for o caso.

Após a realização do projeto nas escolas, podemos de alguma maneira reconhecer e avaliar o impacto da utilização da história local dentro da sala de aula na aproximação dos

estudantes com o tema proposto. Esta aproximação, realizada a partir da narrativa e percepções dos estudantes, podem contribuir para o conhecimento de uma “outra” história da cidade, para o conhecimento de si mesmos e para uma melhor compreensão da participação de diferentes agentes no processo de construção da cidade.

Conforme já pontuado anteriormente, e que sempre vale ser reforçado, tal proposta de projeto foi idealizada analisando o projeto político pedagógico de cada escola, em conversas com os professores de História responsáveis e tendo como base norteadora a BNCC. Portanto, as intervenções do projeto permitiram que acontecesse em cada ambiente escolar uma experiência com respostas e resultados diferentes e únicos, como pode ser avaliado em seguida.

3.1 Escola Estadual Hortêncio Diniz

A primeira experiência de desenvolvimento do projeto ocorreu na Escola Estadual Hortêncio Diniz, que se encontra no Bairro Marta Helena, zona norte da cidade de Uberlândia.

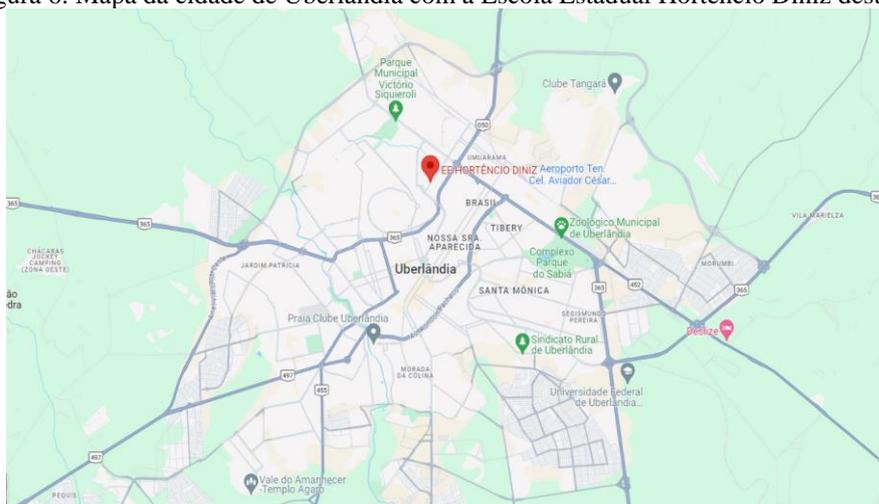
Figura 5: Entrada da Escola Estadual Hortêncio Diniz



Fonte: Google Street View

A escola Estadual Hortêncio Diniz conta com boa estrutura, com projetores de vídeo na maior parte das salas, sala multiuso com projetor de vídeo, som e ar condicionado. A escola também possui sala de informática, biblioteca e quadra de esportes. Possui também mesinhas no pátio que auxiliam na socialização dos alunos, devido a cantina ser muito apertada.

Figura 6: Mapa da cidade de Uberlândia com a Escola Estadual Hortêncio Diniz destacada



Fonte: Google Street View

O bairro Marta Helena é um bairro periférico, atravessado de uma ponta à outra pela BR 050, que é a linha divisória entre ele, o bairro Umuarama e o bairro Brasil. Seguindo a BR 050, ainda se encontra o bairro vizinho denominado Minas Gerais, última zona urbana naquela direção, e por fim, também faz divisa com o Nossa Senhora das Graças e o Jardim América II. Duas avenidas cortam o bairro de leste a oeste e de norte a sul, sendo estas, respectivamente, a Avenida Comendador Alexandrino Garcia e a Avenida Antônio Thomaz Ferreira Rezende.

O bairro conta com uma grande quantidade de escolas públicas próximas. Dentro do bairro há a Escola Estadual Presidente Tancredo Neves, a Escola Estadual Hortêncio Diniz e a Escola Estadual da Cidade Industrial. Atravessando a BR 050, em direção ao bairro Brasil, há a Escola Estadual Enéias Vasconcelos. Todas essas para ensino médio regular e, em alguns casos, também ofertando EJA. De ensino Fundamental I há três escolas: a Escola Municipal de Educação Infantil Beatriz Vilela de Oliveira, Escola Municipal do Bairro Marta Helena e a Escola Municipal de Educação Infantil Alírio das Graças Franco. Não há instituições de ensino privado no bairro, a mais próxima é a Metta Ensino Pedagógico, há 1,7 km, no bairro Santa Rosa. Com isso, constata-se que no quesito ensino básico o Marta Helena é um bairro autossuficiente.

Por outro lado, a saúde não é um direito acessível, dado que não há nenhuma Unidade de Pronto Atendimento e nem Unidade de Atendimento Integrado (UAI) dentro do bairro. Com as instituições de saúde pública mais próximas sendo a UAI Tibery, a 4,5km, e a UPA Norte Pacaembu na Vila Maria, há 3,7km. As instituições privadas mais próximas se encontram no Tibery ou no Centro, que se encontram, respectivamente, a 3,7km e 5,1km de distância.

Conforme já pontuado anteriormente, em um primeiro momento, o projeto foi idealizado para ser desenvolvido à realidade que julgava ser próxima da realidade do bairro

Patrimônio, objetivando-se ser a dos estudantes da Escola Estadual Américo René Gianetti. A oportunidade de desenvolver o projeto com os discentes da Escola Estadual Hortêncio Diniz foi uma boa surpresa, mas ainda uma surpresa. Sem sombra de dúvidas, o projeto necessitaria de mudanças para ser aplicado a alunos que vivem uma outra realidade escolar, dado que era de conhecimento prévio antes mesmo da aplicação do formulário inicial, pois a presente autora já havia sido estudante da escola.

Ao aceitar a proposta de desenvolver o projeto, enviamos o projeto ao professor parceiro e foi agendada uma reunião online para discutir as etapas de desenvolvimento do projeto, bem como sua proposta. Contamos com o apoio imediato do professor Luiz Fellippe de Assunção Fagaraz, que é graduado em bacharel e licenciatura na História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tendo atuado como conselheiro da Subcomissão da Verdade Ismene Mendes na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Ele tem experiência e formação na área de História do Brasil República, com foco destacado na ditadura militar. Em relação ao projeto, o professor aprovou as alterações realizadas e nos disponibilizou duas aulas em duas turmas de primeiro ano do ensino médio para a execução do projeto, além de disponibilizar mais uma aula, em ele mesmo faria a exibição do documentário *Uberlândia, cidade menina*. Com isso, os alunos assistiram e responderam ao primeiro formulário. Como foi passado o longa em sala, foi garantido que nenhum aluno pudesse ficar sem assistir ao vídeo por falta de acesso à internet.

O primeiro formulário contou com as mesmas perguntas, repassadas anteriormente aos estudantes da Escola Estadual Américo René Gianetti. Neste primeiro formulário, contamos com 32 respostas dos estudantes da Escola Estadual Hortêncio Diniz, sendo possível traçar um perfil sobre a realidade material em que eles viviam. Dentro deste momento, que podemos considerar a primeira etapa do projeto, foi solicitado aos alunos que buscassem documentos, como fotos e relatos sobre a história do bairro em que moravam. A pesquisa aconteceria de modo livre, sendo os estudantes os responsáveis por trazer o material e selecionar o recorte da história que desejariam mostrar ao restante da turma em sala de aula.

No primeiro formulário, foi possível perceber que a faixa etária dos estudantes era de 14 a 17 anos, todos cursando o primeiro ano do ensino médio. Todos eles afirmaram ter acesso a internet, principalmente pelo celular smartphone. Em contraste, poucos selecionaram outros dispositivos pelos quais acessam a internet. Ao analisar o formulário, grande parte dos estudantes declararam morar em bairros que se localizam nas imediações da escola, tais como Minas Gerais, Santa Rosa e Jardim América.

A maior parte dos estudantes se autodeclararam pardos, com 18 respostas nesta opção, 9 alunos se autodeclararam brancos, 3 se autodeclararam negros e 2 se autodeclararam

amarelos. Ao cruzar com os dados da escola, estes números podem ser observados no projeto político pedagógico da escola, em que 45% dos estudantes se autodeclararam pardos, 42% brancos, 6% pretos e 6% não declarados. Sobre a autodeclaração, podemos problematizar o fato de que, na maior parte dos casos, são os pais que, ao realizar a matrícula do estudante, respondem à questão da autodeclaração. No geral, foram encontradas algumas diferenças, mas ainda poucas, entre os dados do projeto político pedagógico e as respostas do formulário. Segundo consta no site do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): “Pardo se refere a quem se declara pardo e possui miscigenação de raças com predomínio de traços negros. Preto é a pessoa que se declara preta e possui características físicas que indicam ascendência predominantemente africana.” (Camilo, 2023). Neste sentido, fica evidente uma grande diversidade dentro da escola pelo perfil dos estudantes, deixando clara a necessidade de se trabalhar com um projeto de educação que contemple todos os grupos presentes no contexto escolar, sendo esta uma preocupação na elaboração do projeto.

As questões no formulário foram elaboradas no intuito de nos aproximarmos dos estudantes e traçar melhor um perfil das turmas que iriam participar do projeto. Com vistas a isso, uma das questões era sobre gostar ou não da disciplina de História e de estudá-la fora do espaço escolar. A maior parte declarou não estudar história fora do ambiente escolar e, quando questionados sobre o que mais gostavam de estudar em história, a maior parte das respostas se referiram a gostar de estudar sobre guerras, iluminismo, feudalismo e história do Brasil. Por outro lado, 9 estudantes comentaram que não gostavam de estudar sobre nada ou que não gostavam da disciplina.

Ao observar as respostas da pergunta “Você conhece a história da cidade de Uberlândia? Se sim, faça um pequeno resumo do que conhece.”, identificamos que, dentre as 32 respostas, 9 respostas foram negativas, enquanto 8 respostas afirmaram conhecer “mais ou menos”, dando alguns detalhes sobre o que sabiam. A exemplo de uma dessas respostas:

“Mais ou menos, sei que Uberlândia se chamava Sertão da Farinha Podre, e começou pela família dos Carrijos, lá na tenda dos morenos, e nasceu em torno de uma capela” e “mais ou menos. Sei que alguns irmãos compraram as terras de João, para formar as propriedades (Olhos-d’água, Lage, Tenda e Marimbondo)”.⁴

Enquanto alguns afirmam conhecer “mais ou menos” ou “um pouco”, dado o documentário *Uberlândia, cidade menina* exibido e discutido pelo professor da disciplina, Luiz

⁴ Foram realizadas correções na resposta do estudante, a fim de melhor compreensão.

Fellippe. Na pergunta “Onde você ouviu essas histórias sobre Uberlândia? Na escola? Em casa? Nos diga um pouco sobre.”, obtivemos 23 respostas, referindo a ter escutado essas histórias na escola e em casa pela mãe ou pelos avós. Algumas destas respostas, como também outras não contadas dentro destas 23, referiam-se a ter escutado as histórias sobre a cidade na internet.

Questionados se gostaram de assistir ao longa *Uberlândia, cidade menina*⁵, a maioria das respostas foi positiva, sendo elas 27 ao todo, de maneira que a maioria mencionou que achou o vídeo interessante. Dentre algumas respostas, estão comentários como: “Eu gostei do vídeo, pois mostra como eram as coisas na cidade antigamente e como era diferente, como coisas comuns que a gente tem hoje na época era considerado luxo”; “Gostei sim. O vídeo trouxe imagens de uma cidade muito diferente do que ela é hoje. Trouxe registros de como a cultura cresceu, nos mostrou o modo como as pessoas se vestiam antigamente, lugares que hoje não funcionam mais, entre outros.” e “Achei interessante. A maioria das pessoas eram brancas, eles usavam umas roupas bem elegante e a cidade era pequena.”. Este último comentário acabou chamando a atenção justamente por ser um contraponto ao objetivo do trabalho, o de retratar uma história que pouco é divulgada da cidade de Uberlândia: a de sua população negra.

Os estudantes que apontaram não gostar do vídeo não justificaram sobre o motivo, respondendo apenas “Não”, com diferença a um estudante que respondeu que não assistiu ao vídeo. Com a pergunta “De que forma o vídeo ‘Uberlândia, cidade menina’ apresenta a cidade? Quais foram os locais e pessoas que ele mostrou?”. Algumas das respostas foram: “Mostrou a antiga prefeitura, a obra do majestoso templo católico, a delegacia regional da cidade, o Palácio da justiça, o centro de saúde estadual” e “Lembro que mostrou um centro católico ou uma igreja em uma praça, ou algo do tipo. De pessoas eu lembro que falou sobre o prefeito, não sei se ele era chamado assim nessa época.”

Na segunda etapa do projeto, devido ao calendário acadêmico da universidade retornar às aulas presenciais, foi possível a presença física dentro do espaço escolar. Sobre esta descrição, é válido comentar que houve uma recepção muito positiva, tanto do professor Luiz Fellippe quanto da coordenadora pedagógica Débora, como também dos demais funcionários da escola.

Dentro de sala de aula, por ser uma primeira experiência de regência, um dos principais desafios foi conter a conversa paralela entre os estudantes, que em um primeiro momento não demonstraram pudor em conversar durante a exposição do conteúdo. Neste sentido, o professor

⁵ A pergunta realizada na íntegra: “Você gostou de assistir ao vídeo de “Uberlândia cidade menina”? Nos diga um pouco sobre suas impressões sobre o vídeo. Por que você gostou ou não de assistir ao vídeo?”

Luiz auxiliou no trato com os estudantes. Com o tempo ganhando mais confiança na própria presença, os estudantes começaram a prestar mais atenção no conteúdo que estava sendo ministrado em sala de aula.

Nesta segunda etapa, foi planejada uma aula expositiva com projeção de slides, alguns serão apresentados logo abaixo (Figura 7, Figura 8, Figura 9 e Figura 10), sobre a história do bairro Patrimônio e o processo de gentrificação que ocorreu na região. Foram apresentadas imagens do bairro coletadas no Arquivo Público Municipal, em uma visita no local para pesquisa sobre o tema, mapas da cidade de Uberlândia de 1927 e 1980, também coletados no Arquivo Público Municipal, além de um mapa recente. Foi apresentado também o mapa da cidade com a distância da escola para o bairro, na tentativa de trazer o debate para perto, para a realidade dos alunos. Para além disso, foram levados alguns relatos de moradores acerca da situação em que se encontravam no bairro, como um exercício de não mostrar aos estudantes somente as versões dos órgãos oficiais sobre a história da cidade, versão esta que os estudantes puderam acompanhar com o vídeo *Uberlândia, cidade menina*. Tais relatos dos moradores foram extraídos dos trabalhos de Jeremias Brasileiro, Rosselvelt José Santos e Carlos Roberto Bernardes Souza Júnior, já referenciados no decorrer do trabalho. Em seguida, os slides apresentados à turma, valendo-se lembrar que as imagens presentes nos slides são do Arquivo Público Municipal de Uberlândia:

Figura 7: Slide produzido para apresentação em sala aos estudantes

Relatos de antigos moradores do Bairro Patrimônio

<p>- "O Patrimônio, de primeira, ninguém queria terreno no Patrimônio. Porque era terrão, né? Rua não tinha calçamento, não tinha água encanada, então ninguém queria. Falava: 'Patrimônio... É pé vermelho'. Porque era barro mesmo, mas era povo tudo trabalhador mesmo."</p>	<p>- "Aqui foi um lugar perigoso, morria gente todo dia. Antigamente, né. O povo era mal de mais, viu? O povo da charqueada ali, andava só armado qualquer coisa tava metendo a faca nos outro."</p>
<p>- "As casa eram tudo pequeninha. Não tinha asfalto, até tinha nos apelidado como pé vermelho. E, pra começa, as luzes, naquele tempo, era da Prado, eu não sei se vocês lembra daquilo, era uma energia muito fraca, depois é que foi melhorano tudo. Água encanada a gente não tinha, era tudo cisterna, era fossa de esgoto."</p>	<p>- "O Patrimônio é um bairro muito festivo, de grandes festividades. Toda vida porque é Congada, Folia de Reis, festa de São João, Carnaval... O samba começou aqui com nós, formamos a escola e a escola saiu para as ruas em 1954"</p>

Fonte: elaboração da autora

Figura 8: Slide produzido para apresentação em sala aos estudantes



Fonte: elaboração da autora

Figura 9: Slide produzido para apresentação em sala aos estudantes



Fonte: elaboração da autora

Figura 10: Slide produzido para apresentação em sala aos estudantes



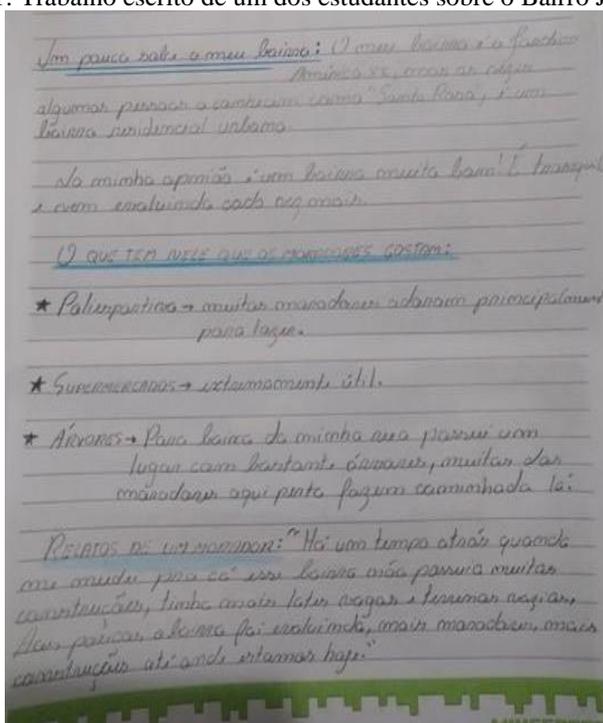
Fonte: elaboração da autora

A segunda etapa do projeto ocorreu de modo tranquilo, com boa recepção do professor e dos estudantes, apesar da baixa participação efetiva durante a exposição do conteúdo, o que pode se justificar devido a vários fatores. O principal se deve à timidez e estranheza ou talvez até mesmo desinteresse acerca dos dois jovens que chegaram ali para contar uma história que, aparentemente, está tão distante da própria realidade. Considerando que das 32 respostas, 17 afirmaram não conhecer o bairro e 9 afirmaram já terem ouvido falar, mas nunca visitado a região.

A terceira etapa do projeto também ocorreu de modo presencial em sala de aula, em que organizamos uma roda de conversa com os estudantes no intuito de dialogar sobre o trabalho de pesquisa que eles deveriam trazer para a sala de aula, sobre a história do local em que viviam. Ao entrar em sala de aula, foi solicitado aos estudantes que montassem uma roda com as cadeiras em sala, momento que somente ocorreu após uma recepção fervorosa que se deu para entrega rápida dos trabalhos. Ao entrar em sala, poucos estudantes acabavam de finalizar seus trabalhos, enquanto outros já se levantavam imediatamente, com o objetivo de entregar os seus projetos, com folhas escritas à mão, fotos e capas coloridas manuscritas. Recebemos um total de 38 trabalhos das duas turmas de primeiro ano do ensino médio. Com a roda de conversa montada, foi solicitado que cada aluno se apresentasse com nome, idade, bairro e uma lembrança do local. Para incentivar os estudantes, o Lino e eu fomos os primeiros, logo após o professor Luiz Felipe também participou. Desse modo, assim, os estudantes foram aos poucos se soltando, com alguns deles mostrando as fotos que haviam levado para a roda de conversa.

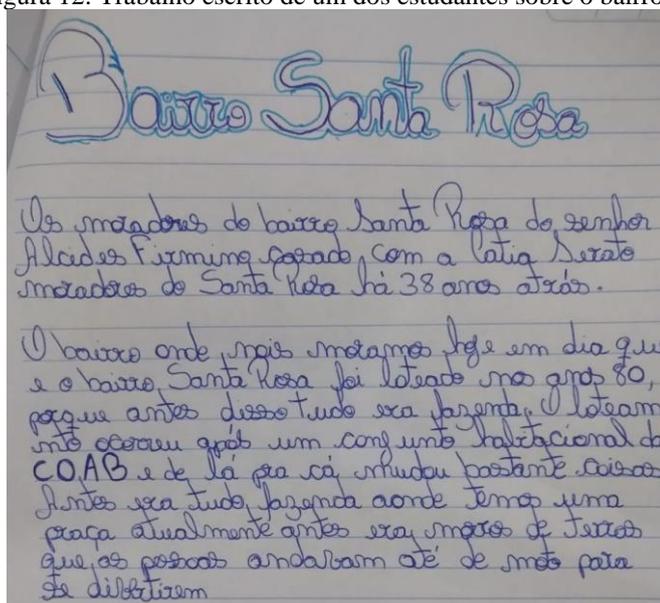
Como a maior parte dos alunos moravam em bairros ao redor da escola, considerados distantes do centro da cidade, ocorreu uma identificação com a história dos moradores do bairro Patrimônio. Nos comentários trocados e compartilhados, houve, principalmente, questões do bairro voltadas para o interesse público, no sentido de levar melhorias e projetos sociais para as áreas, além da falta de lazer para os jovens que moravam na região. Alguns também apontaram o fato de a mídia mostrar apenas as cenas de violência do lugar em que moravam e não focar nas coisas boas que existiam na região. Neste sentido, um dos alunos comentou que seria mais importante divulgar uma padaria que, segundo ele, faz um pão muito bom ao invés dos casos de violência da região.

Figura 11: Trabalho escrito de um dos estudantes sobre o Bairro Jardim América



Fonte: foto tirada pela autora

Figura 12: Trabalho escrito de um dos estudantes sobre o bairro Santa Rosa



Fonte: foto tirada pela autora.

Nos pontos destacados pelo estudante, é possível ver a associação de evolução com a construção de prédios, tanto pelos itens separados quanto pela fala do morador entrevistado. No entanto, também é valorizado os espaços de uso comum da sociedade pela estudante, como o Poliesportivo e uma região com várias árvores, que alguns usam para realizar caminhadas. Assim, revela-se serem locais de socialização do bairro e sua importância para a comunidade.

Interessante notar nessa entrevista coletada pelo estudante a noção de transformação do espaço, de modo que tanto esse quanto o relato anterior sobre o Bairro Jardim América, estão

ligadas com moradia e lazer, já que tais estão intimamente ligados, levando a reflexão da importância do tempo e espaço de lazer para os jovens e trabalhadores. Vale mencionar que a Companhia de Habitação (COHAB), citada na entrevista, refere-se ao programa de habitação popular do governo federal com o intuito de urbanizar vilas e favelas, diminuindo a falta de habitações.

A experiência de pesquisa proposta aos estudantes ocorreu com o objetivo de dar autonomia de pesquisa a eles, de maneira que, nesse processo, fosse possível buscar a história de cada local nas fontes que acreditassem ser as mais pertinentes e próximas das experiências materiais de cada um. Dentre os projetos recolhidos, foi possível perceber o esforço dos estudantes para a coleta do material de pesquisa, indo por muitas vezes atrás de entrevistas com moradores mais velhos dos bairros em que moravam. Com isso, observa-se que foram se aproximando de uma das etapas do projeto que foi a de conhecer o bairro Patrimônio também pelos relatos apresentados pelos moradores, indo para além das pesquisas oficiais. Isso é importante porque a contribuição de quem habita a cidade também faz parte e tem direito a ela. Mais do que isso, também é um sujeito histórico com narrativas válidas para serem ouvidas e discutidas, contrapondo a visão apresentada no documentário *Uberlândia, cidade menina*, de que na cidade existe somente um perfil de habitante. Logo, esta metodologia visava atender também ao que pontua o próprio Projeto Político Pedagógico da Escola

Assim, o processo ensino-aprendizagem se dá de forma dialógica e participativa. A escola trabalha a diversidade cultural, os valores, a ética, o respeito ao outro e ao meio ambiente através de projetos interdisciplinares. [...] Neste contexto, a Escola Estadual Hortêncio Diniz procura ensinar aquilo que faz sentido na vida do aluno. Para nós é fundamental que o educando se apodere de aquilo que ensinamos para poder transformar a sua realidade. (Escola Estadual Hortêncio Diniz, 2020, p. 7).

Neste sentido, também estava posto como objetivo de o desenvolvimento do projeto fazer com que os estudantes pudessem refletir acerca do lugar que ocupavam na vida pública e política da cidade, através do olhar sobre a história do bairro Patrimônio. Sobre a narrativa dos moradores na situação em que viviam, foi possível gerar esta reflexão e trazer a mensagem para os estudantes de que suas narrativas históricas também eram válidas e importantes, assim como a dos antigos moradores do bairro Patrimônio, de modo que acabaram por fazer todo esse processo em relação ao bairro onde residem.

Com o intuito de avaliar o impacto do desenvolvimento do projeto em parceria com os estudantes, foi respondido, ao final, um último formulário com o objetivo de conhecer as perspectivas dos estudantes sobre o conteúdo trabalhado. Neste último formulário, obtivemos 23 respostas às várias perguntas realizadas. Serão apresentadas algumas respostas na íntegra e,

na análise delas, farei referências a outras que caminharam na mesma direção ou sentido oposto. Na pergunta “Qual sua opinião sobre o processo de gentrificação no bairro Patrimônio? Você o considera como um processo benéfico ou maléfico? E para quais sujeitos? Escreva um pouco pensando nessa questão para justificar sua resposta”, um dos estudantes comentou: “Eu acho que foi uma sacanagem roubarem as casas deles desse jeito, por que eles não tinham condições para comprar uma casa em outras regiões, tirando a parte de que não poderiam realizar o evento deles de congada.”. Outro aluno deixou seu comentário: “Porém, por outro lado, é maléfico pois acabou tendo como consequência a mudança de alguns moradores do bairro.”

Outras duas estudantes comentaram que foi “benefício para quem mora atualmente, em contrapartida, para as pessoas que moravam no bairro antigamente foi uma perda, pelo fato de ter que sair do bairro”. E, ainda:

Eu acho que foi desnecessário, pois tinha moradores com filhos provavelmente que não trabalhavam e tiveram que sair do bairro então não acho legal, um pouco dos dois pois teve sim um ponto positivo mas teve mais pontos negativos eu acho, foi como eu disse, muitas famílias precisaram sair de suas casas e acabaram ficando meio prejudicadas né.

Pelas respostas, é possível conceber que o conceito de gentrificação foi bem compreendido pelos estudantes, que enxergaram no processo tanto os pontos positivos que, frequentemente, são associados ao progresso, tal como assistido por eles no documentário *Uberlândia, cidade menina*. Como também demonstraram entender os pontos negativos do processo, sinal de que a história dos moradores do bairro Patrimônio e a luta pela manutenção da festa do Congado se destacaram, de uma forma além das versões oficiais sobre a história da cidade. Em dado momento, foi levantada a questão se os alunos se viam como sujeitos históricos. Apesar de algumas respostas negativas, também foi possível perceber algumas positivas a este respeito. A pergunta feita foi “Você se considera um sujeito histórico? Sim ou não? Justifique sua resposta”. Com isso, um estudante respondeu: “De certa forma todos somos sujeitos históricos, pois temos nossas histórias mesmo não sendo consideradas tão importantes mas mesmo assim temos momentos históricos em nossa vida”. Outro indicou: “Depois da última aula que vocês falaram comigo eu me considero que sim eu faço parte disso tudo também”. Tivemos também respostas no sentido: “Não, ainda não fiz nada histórico”. E, ainda: “sim, faço parte da história que está acontecendo hoje, no futuro eu serei o passado”. As respostas dos estudantes nos remetem a algumas análises propostas, por exemplo, por Michael Lowy (2005, p. 70):

A natureza dessa tristeza se tomará mais clara se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses

dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. (...) Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo.

Para Walter Benjamin, a história deve ser escrita de modo distante, da história por muito tempo perpetuada pelo investigador historicista, que é uma história com empatia pelos vencedores, em que sobra para os vencidos apenas opressão, a opressão de ter que se seguir o padrão imposto pelos vencedores, sem condições de fala para narrar suas próprias histórias. Trabalhar com os estudantes tais relatos de memória dos moradores do bairro Patrimônio e dos moradores onde os estudantes moram, faz parte de um exercício que não se objetiva em dar voz ao sujeitos, mas em escutar as vozes que vem sendo ecoadas e marginalizadas por muito tempo dentro da história, que também são sujeitos históricos com narrativas válidas. No entanto, este exercício deve ser constante dentro de sala de aula, por isso que, apesar de alguns estudantes se enxergarem como sujeitos históricos, para outros a resposta não foi positiva, tal abordagem tem que ser constante, visando todos os estudantes.

Na continuidade de nossa avaliação sobre o projeto, perguntamos: “Qual foi o registro histórico que você levou para a roda de conversa realizada em sala de aula? O identifique brevemente nesta pergunta (Exemplo: Foto da estátua; Relato escrito sobre o acontecimento; Vídeo do lugar) E depois, se possível, anexe uma foto ou um vídeo do registro na questão abaixo”. As respostas para essa questão vieram nos formatos dos trabalhos manuscritos entregues e algumas imagens impressas compartilhadas durante a roda de conversa sobre a atividade de pesquisa acerca do local em que moram. Houve também a seguinte pergunta: “Após a roda de conversa, você considera que a população da cidade de Uberlândia, especialmente as elites e a sua classe política, respeitam e valorizam a história e a memória de todas as regiões da cidade, e de todos os segmentos de sua população? Escreva um pouco pensando nessa questão para justificar sua resposta”. Entre as respostas coletadas, destaco as seguintes: “Eu não acho que respeitam a valorização de todas as regiões , como o bairro patrimônio que eu nem sabia da existência e que as pessoas sofreram tanto pelo bairro ser considerado como um bairro periférico então depende muito da região pois muitas não são conhecidas”; “Não, eu acho que as elites e as classes políticas só valorizam os bairros quando é ao favor deles, tirando isso só ajudam e melhoram o bairro quando os convém.”; “Não, se respeitassem deixaria os antigos moradores do bairro fazer Congo ou qualquer outro movimento que seja especial pra comunidade” e “Considero que não. Muitas pessoas desfazem da memória antiga da cidade e de seu próprio bairro por ex: destruindo construções antigas.”

Por estas respostas, podemos compreender que, mesmo reconhecendo e avaliando os pontos positivos do processo de gentrificação, os alunos ainda o consideram mais maléfico do que benéfico. Refletindo sobre para quem é vantajoso promover a exclusão social de determinadas classes da sociedade uberlandense, os estudantes em grande maioria obtiveram respostas como mencionado acima. Logo, posicionando-se de modo solidário aos antigos moradores do Bairro Patrimônio e a manutenção da festa do Congado. Assim, podemos considerar que

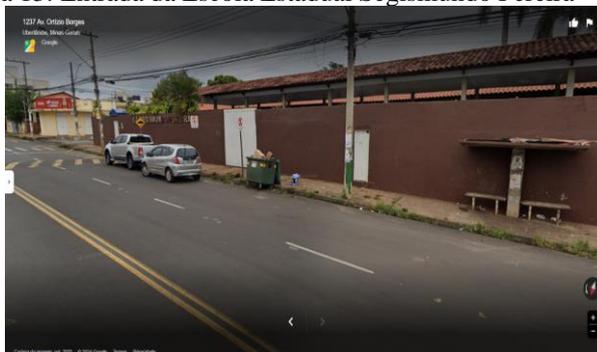
as reflexões sobre as singularidades do cotidiano no processo de urbanização não devem se limitar aos espaços mais visíveis, mas também focalizar os domicílios, permitindo assim perceber o espaço não como algo “congelado”, bloqueado, tal como na imagem de uma carta cartográfica, ou como um simples palco da história, mas sim como elemento constitutivo da trama histórica, de seus fluxos, e de sua dinâmica em permanente ação, interação, transformação e reconstrução. (Matos, 2002, p. 37)

De modo geral, é possível refletir acerca da elaboração de conhecimentos com História Local em diálogo com a realidade material dos estudantes gerou uma reflexão sobre o processo de urbanização e das mudanças que entramos no cotidiano da cidade. Mudanças que muitas vezes, os estudantes não as consideram importantes por não se considerarem como sujeitos históricos válidos dentro do processo de formação escolar, mas que através do projeto refletiram sobre as transformações urbanas sob os próprios olhares e daqueles com quem convivem.

3.2 Escola Estadual Segismundo Pereira

O projeto em formato de oficina foi desenvolvido na Escola Estadual Segismundo Pereira, localizada na Avenida Ortízio Borges, 1284, no bairro Santa Mônica, zona leste e urbana da cidade de Uberlândia.

Figura 13: Entrada da Escola Estadual Segismundo Pereira

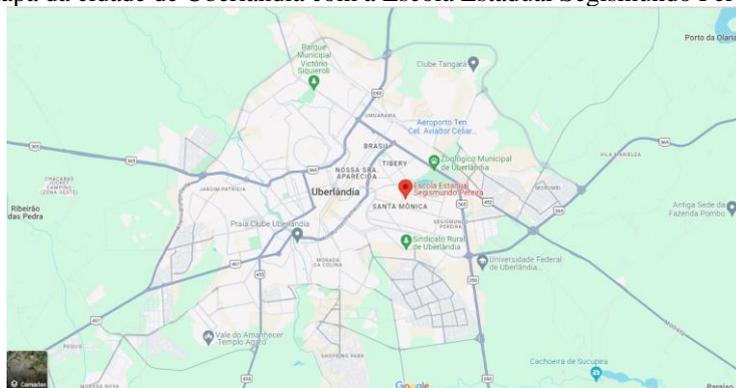


Fonte: Google Street View

A Escola Estadual Segismundo Pereira conta com uma boa infraestrutura, com projetores de imagens em todas as salas. Conta também com uma sala multiuso com projetor,

som e ar condicionado. Possui sala de informática e mesinhas no pátio, que promovem a socialização dos alunos durante o período de intervalo, como também nas quadras de esporte.

Figura 14: Mapa da cidade de Uberlândia com a Escola Estadual Segismundo Pereira destacada.



Fonte: Google Street View

O Santa Mônica é um bairro da Zona Leste de Uberlândia, central para a dinâmica e funcionamento da cidade, dado que nele está concentrado o Centro Administrativo Virgílio Galassi, a Câmara Municipal, a Universidade Federal de Uberlândia, o 17º Batalhão de Polícia Militar de Minas Gerais, parte do Parque do Sabiá, Estádio do Parque do Sabiá e Arena Multiuso Tancredo Neves. Ele é um bairro delimitado pela Avenida João Naves de Ávila, Avenida Anselmo Alves dos Santos e a Rua João Balbino. Ele é cortado pelas avenidas José Paes de Almeida, Cesar Finotti, Lázara Alves Ferreira, Ana Godoy de Sousa, Segismundo Pereira, Belarmino Cotta Pacheco, Ortizio Borges, Salomão Abraão e Ubiratan Honório de Castro. Além da grande quantidade de avenidas que facilitam o ir e vir, há também estações de ônibus na Avenida João Naves de Ávila e na Avenida Segismundo Pereira. As estações se diferenciam de meras paradas de ônibus, na medida em que, além de possuírem maior estrutura, há um fluxo constante de ônibus que as liga diretamente ao Terminal Central, Terminal Santa Luzia e Terminal Novo Mundo. Nessas estações, além da ampla disponibilidade de horários e grande quantidade de ônibus nas rotas T610 e T131, há a possibilidade de descer em qualquer uma delas ou nos terminais e embarcar em outro ônibus sem pagar outra passagem. Há também as paradas de ônibus comuns que marmoream o restante do bairro.

O Santa Mônica faz fronteira com os bairros Carajás, Saraiva, Santa Maria, Segismundo Pereira, Lagoinha, Pampulha e Tibery. Para além disso, ainda tem fácil acesso ao Center Shopping que fica a 1,9 km do centro do bairro, ao Centro da cidade que fica a 3,3 km de distância e ao Teatro Municipal que fica a 4 km. Com isso, é suprida a necessidade de entretenimento gratuito que muitos bairros não tem, de modo que os moradores do bairro possuem fácil acesso ao Parque do Sabiá e ao Estádio Sabiazinho, como também em 9 praças públicas diferentes. O bairro conta também com ampla arborização.

No quesito educação, o Santa Mônica conta com 13 escolas particulares, havendo uma grande disparidade em comparação com o número de escolas públicas. Dentro do bairro há apenas a Escola Estadual Segismundo Pereira de ensino médio, mas parte dos alunos do bairro também são atendidos pelas escolas estaduais Joaquim Saraiva, de ensino médio, localizada na fronteira com o bairro Saraiva, Frei Egídio Parisi, localizada a 2,9 km, no bairro Segismundo Pereira, fronteira com o Pampulha, pela escola Hercília Martins Rezende e a Escola Estadual Messias Pedreiro, localizada a 2,7 km, no bairro Cazeca.

No tocante às escolas de ensino infantil, o bairro é um pouco mais preparado, contando com a Escola Municipal de Educação Infantil do bairro Santa Mônica, Escola Municipal de Educação Infantil Zacarias Pereira da Silva, Escola Municipal Professor Domingos Pimentel de Ulhôa, Escola Municipal de Educação Infantil Professora Shirley Lourdes de Menezes Vieira, Escola Municipal de Educação Infantil Maria Pacheco Rezende e Escola Municipal de Educação Infantil Professora Gesimeire Fátima de Araújo. Além de outras quatro escolas de fácil acesso em fronteiras com outros bairros.

No quesito saúde, o bairro é dividido entre norte e sul. O lado sul é regido pela Unidade de Atendimento Integrado (UAI) e Unidade Básica de Saúde Pampulha (UBS), com ambas unidades ficando no mesmo prédio. E o lado norte é coberto pela Unidade de Atendimento Integrado e Unidade Básica de Saúde Tibery. Apesar de não ficarem dentro do bairro, ambas são de fácil acesso, com a UAI Pampulha sobretudo ficando na fronteira com o bairro vizinho. Há também o Madrecor Hospital e diversas clínicas privadas dentro do bairro. Assim, o bairro é organizado de maneira que atende as necessidades básicas de seus habitantes em educação, saúde e lazer, destacando-se por oferecer esses serviços sem que tenha que desembolsar algum valor para que isso ocorra.

Segundo o projeto político pedagógico (PPP) de 2020 da escola, ela conta com cerca de 1500 alunos matriculados, divididos entre as modalidades DE Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e EJA. Ainda de acordo com o PPP da escola, 49% dos estudantes se autodeclararam brancos, 41% pardos, 6% pretos e 3% não declararam, divididos entres 49% mulheres e 51% homens. Neste contexto, é possível perceber uma escola com muitos estudantes e com diversidade nos perfis.

Inicialmente, a escola funcionava como anexo da Escola Estadual “Rotary”. Em 21/12/1972, foi assinado o Decreto de Criação. A escola conhecida anteriormente como Escola Estadual da Vila Santa Mônica, com a promulgação do Decreto Lei nº 6.609/75, teve seu nome trocado para Escola Estadual “Segismundo Pereira” (Escola Estadual Segismundo Pereira, 2020, p. 10).

A escola em seu marco situacional reconhece que os estudantes são moradores do bairro da escola e de áreas próximas, que possuem um bom poder aquisitivo. Vale mencionar que a própria estrutura escolar, que conta com laboratório de informática e projetores nas salas, também contribui para uma forma de acesso mais fácil dos estudantes com as informações do mundo global e o conhecimento em geral.

O projeto foi idealizado para a Escola Segismundo Pereira em formato de oficina, acontecendo em um dia com o tempo de 90 minutos, realidade diferente do formato anteriormente desenvolvido na Escola Estadual Hortêncio Diniz. A proposta de realizar tal oficina ocorreu durante as aulas de “Prointer III”, sob a orientação da professora Nara Rúbia, que nos acompanhou durante o processo de montagem da oficina, em conjunto com a professora Jacqueline Aparecida Mendonça, doutoranda no Programa de Educação na Universidade Federal de Uberlândia na linha de Saberes e Práticas de Ensino. Com experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: inclusão, cotidiano escolar e juventude. Ela é professora de História da Escola Estadual Segismundo Pereira.

Devido ao formato de 90 minutos corridos para a realização da oficina, não foi possível conceber a realização da pesquisa em casa com os estudantes. Neste sentido, buscando formas de relacionar suas próprias vivências com a história da cidade de Uberlândia e, ao mesmo tempo não tendo um formulário prévio para conseguir entender um pouco o perfil dos estudantes que se encontravam ali, houve a sugestão da professora Jaqueline de levar um mapa impresso para sala e pedir para que os estudantes pudessem assinalar quais os lugares importantes para eles na cidade de Uberlândia.

Em um sábado letivo, a escola se organizou para receber todos os trabalhos da disciplina de “Prointer III”, de modo que os alunos do ensino médio de todos os anos foram deslocados de suas turmas, podendo participar das atividades com outros estudantes que não os de sua turma de origem, sendo que cada sala recebeu um projeto para ser desenvolvido em parceria com os estudantes. O primeiro desafio se encontrava em levar o trabalho em uma linguagem que contemplasse as diferentes turmas de primeiro, segundo e terceiro ano que se encontravam à frente. Por outro lado, houve também o desafio de estar sem a supervisão de um professor que permanecesse em sala de aula para o acompanhamento das atividades.

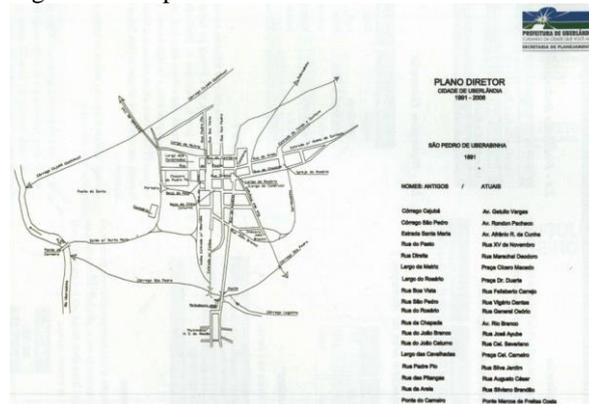
Em um primeiro momento, foi mostrado aos estudantes de forma expositiva, mas sempre com abertura ao diálogo, o documentário *Uberlândia, cidade menina*, momento em que alguns estudantes apontaram que não consideravam que o vídeo mostrasse a realidade uberlandense. Com isso, os comentários foram direcionados a dizer que não haviam pessoas

pobres e nem pessoas negras no vídeo. Assim, indicou que os estudantes tinham um bom sinal acerca da percepção da história da cidade.

Este primeiro momento também contou com slides expositivos contando a história do bairro Patrimônio em Uberlândia e o processo de gentrificação que o bairro foi sofrendo ao longo do tempo, sem deixar de lado a festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, patrimônio imaterial da cidade Uberlândia, que surgiu no bairro Patrimônio e que também é vista com maus olhos por alguns setores da cidade.

No momento expositivo acerca da história do Bairro Patrimônio, foi mostrado aos estudantes mapas da cidade de Uberlândia em várias épocas, como 1891, 1927, 1980 e 1990. Estes foram coletados em uma visita ao Arquivo Público Municipal para levantamento de fontes. Também foi levado aos estudantes um mapa atual da cidade de Uberlândia, mostrando a distância do bairro à escola, no intuito de aproximar a temática cada vez mais da realidade material vivenciada por eles.

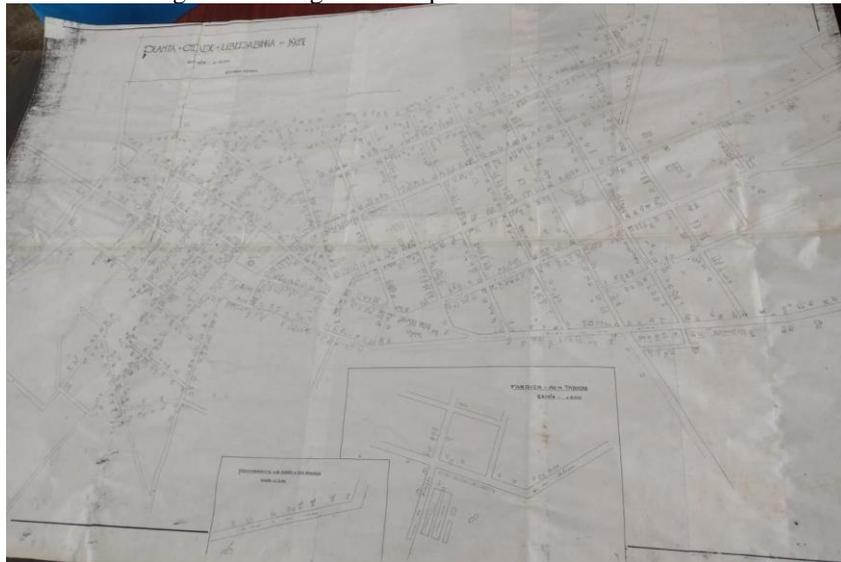
Figura 15: Mapa de São Pedro de Uberabinha em 1891



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia

Este mapa acima mostra a cidade de Uberlândia quando ainda era chamada São Pedro do Uberabinha, em 1891. No mapa da cidade, é possível notar que não consta menção a existência do bairro Patrimônio, que teve a existência excluída por muito tempo pelas elites. Com este mapa podemos mostrar aos alunos a exclusão vivida pelos moradores do Patrimônio desde a sua formação.

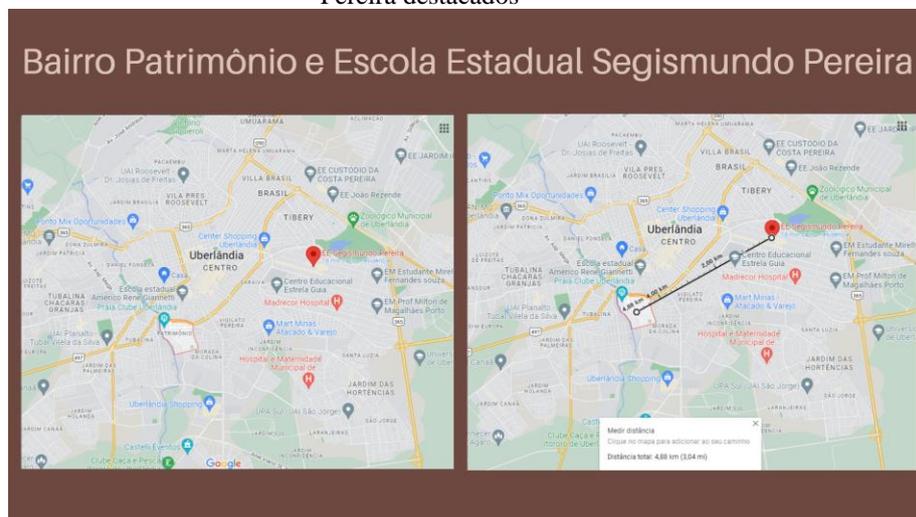
Figura 16: Imagem do mapa de Uberlândia de 1927



Fonte: Arquivo Público de Uberlândia

Este mapa acima mostra a cidade de Uberlândia já em 1927. Apesar de terem se passado alguns anos da formação do Bairro Patrimônio, o bairro ainda continua sem aparecer nos mapas oficiais da cidade, ficando evidente o descaso do poder público com a região. Este mapa também foi mostrado em sala de aula no intuito de mostrar aos estudantes a narrativa que a elite queria manter sobre Uberlândia, uma cidade sem pessoas negras.

Figura 17: Mapa da cidade de Uberlândia com o bairro Patrimônio e a Escola Estadual Segismundo Pereira destacados



Fonte: Google Maps

Este mapa foi levado para sala de aula no intuito de mostrar aos alunos a mudança da realidade urbana da cidade em relação aos demais mapas e também com o objetivo de aproximar os alunos do tema, mostrando onde se localiza o bairro Patrimônio atualmente e a distância da escola com o bairro.

Em um segundo momento, foi pedido aos estudantes que se separassem em trios para a realização de uma atividade. A atividade consistia em pintar em um mapa impresso da cidade

Iniciando, fizemos a seguinte pergunta: “Qual a sua opinião sobre o processo de gentrificação no Bairro Patrimônio? Você o considera como um processo benéfico ou maléfico? E para quais sujeitos? Escreva um pouco pensando nessa questão para justificar sua resposta”. Para essa questão, as respostas foram: “Acho errado. Pois muitas pessoas perderam suas casas por meio dessa ação”; “Eu acho que é um benefício porque com a gentrificação trás melhorias para o bairro e etc...”; “É um processo que muda as origens do Bairro, trazendo um efeito negativo”; “Bem, é um processo que pode ocorrer com qualquer bairro. É um benefício para as pessoas de classe média alta, e um malefício para pessoas de baixa renda (já que muitas delas tem que sair do bairro)”.

A maior parte das respostas teve como característica avaliar os dois lados da questão, pontuando que o processo de gentrificação era benéfico para as classes sociais mais altas e um malefício para as classes sociais mais baixas, porém sem se estender muito acerca das justificativas do motivo de ser um malefício ou benefício.

Continuando com as perguntas realizadas, fizemos a seguinte pergunta: “Na atividade em que você trabalhou sobre o mapa da cidade, quais foram os lugares que você marcou como importantes, para você, na cidade de Uberlândia? Cite uma justificativa para cada local que você marcou no mapa”. A partir dela, podemos visualizar as respostas na Figura 20 e Figura 21 destacadas abaixo, em forma de tabela:

Figura 20: Respostas do questionário em tabela

Center Shopping	4
Parque do Sabiá	4
Bairro Shopping Park	4
Bairro Centro	4
Morumbi	4
Praia Clube	3
Terminal Central	3
Bairro Patrimônio	3
Universidade Federal de Uberlândia	2
Cachoeira Sucupira	2
Bairro Tibery	2
Bairro Segismundo Pereira	2
Casa	2
Hospital	1
Unidade de Atendimento Integrado	1
Arcom S/A	1
Aeroporto	1
E.E. Segismundo Pereira	1
Total de Respostas:	42

Fonte: elaboração da autora

Figura 21: Respostas do questionário em tabela

Tangará Park Club	5
Cachoeira Sucupira	5
Uberlândia Shopping	4
Center Shopping	4
Parque do Sabiá	4
Bairro Santa Mônica	4
Bairro Tibery	4
Bairro Centro:	4
Hospital Madrecor	3
E. E. Segismundo Pereira	3
Parque Municipal Victório Siquerolli	3
Universidade Federal de Uberlândia	2
Bairro Brasil	2
Bairro Patrimônio	2
Bairro São Jorge	2
Bairro Morumbi	2
Bairro Segismundo Pereira	2
Bairro Luizote de Freitas	2
Praça Tubal Vilela	2
Aeroporto	2
Terminal Central	2
Super Mercado Mart Minas	1
Super Mercado Atacadão	1
Super Maxi Pequis	1
Bairro Custódio Ferreira	1
Bairro Canaã	1
Bairro Laranjeiras	1
Bairro Jardim Karaiba	1
Bairro Pequis	1
Clube de Caça e Pesca Itororó de Uberlândia	1
Arcom S/A	1
Castelli Master Eventos	1
Total de Respostas:	74

Fonte: elaboração da autora

Como é possível observar, houve uma discrepância entre as áreas apontadas no mapa com as descritas nas respostas por extenso. Talvez pela dificuldade em descrever todas as áreas em conjunto com o tempo limitado para a oficina terminar. Muitos estudantes marcaram bairros como áreas importantes, provavelmente por morarem nas regiões. Isso desconsiderando os estudantes que destacaram lugares como Praia Clube, Clube Tangará e os Shoppings. Nota-se pouca pluralidade de locais para o lazer dos jovens, na sua forma gratuita, disponíveis na cidade. Apenas 4 estudantes apontaram o Parque do Sabiá e 3 indicaram o Parque Municipal Victório Siquerolli.

Vale mencionar, ainda, o destaque dado pelos estudantes a estabelecimentos comerciais como supermercados e, outro ainda mais específico, o Terminal Central. Este que pode ser

considerado também um ponto estratégico para a locomoção na cidade, mas também um ponto de encontro e sociabilidade.

Outra pergunta realizada foi: “Você se considera um sujeito histórico? Sim ou não? Justifique sua resposta”. As principais respostas foram: “Não, só durmo”; “Sim. Cada dia de vida você faz história”; “não, pois acho que não deve como eu ser um sujeito histórico em pouco tempo”; “Não, pois não fiz nada para mudar minha cidade”; “Não, por conta que não saio muito de casa, quando saio só pra treinar” e “Não porque para mim um sujeito histórico e uma pessoa muito conhecida. Pode-se observar uma noção ainda persistente acerca de quem pode ser considerado um agente histórico, em uma perspectiva de história positivista, de agentes como pessoas que possuem atuação expressiva ou que estejam no foco da cena e não todas as pessoas em sua atuação cotidiana. Logo:

A tradição dos oprimidos nos ensina que o "estado de exceção" em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, perceberemos que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção (Lowy, 2005, p. 83).

Aqui, pode-se perceber que os estudantes pouco se distanciaram também da narrativa de “história dos vencedores”, que nada mais é do que a história que apenas se escuta e se fala sobre um lado, sem se preocupar com os vencidos, mantendo a ideia de que para se fazer história é necessário ter um grande feito ou ser considerado “importante”. Interessante colocar como pauta dentro do ensino de história que esta concepção, infelizmente, ainda é muito presente e que deve se ter um esforço constante para trabalhar com os estudantes a empatia pelos “vencidos”, de modo que conheçam e se reconheçam nestas histórias.

Por fim, foi perguntado aos estudantes: “Você considera que a população da cidade de Uberlândia, especialmente as elites e a sua classe política, respeitam e valorizam a história e a memória de todas as regiões da cidade, e de todos os segmentos de sua população? Escreva um pouco pensando nessa questão para justificar sua resposta”. Entre as respostas, obtivemos: “Eu acho que não por que muitas dessas pessoas destroem isso para criar coisas que vão trazer benefícios para eles: prédios, empresas, apartamentos de luxo. Etc”; “Não respeita, por que a gentrificação acontece em todos os bairros que têm uma boa área geográfica”; “Alguns lugares apenas, dependendo do preço oferecido eles não estão nem aí para a história” e “Não, um exemplo disso é o jornal que mostra bem mais um bairro pobre do que rico”.

As respostas dos alunos para a questão acima demonstram um certo conflito aos que apontaram o processo de gentrificação como positivo, pois, se é positivo para as classes altas, ao mesmo tempo em que estas não se importam com os mais pobres, talvez esse processo não seja tão benéfico para a cidade, considerando que os envolvidos apenas se importam consigo

mesmos. Um ponto interessante também foi o apontamento sobre o papel da mídia, que segundo os estudantes nas rodas de conversa destacam somente as coisas boas das regiões ricas, contrastando com as regiões periféricas, em que somente a violência é demonstrada. Aqui cabe mencionar que o trabalho não teve o intuito de colocar o processo de urbanização apenas como algo negativo, mas chamar a atenção de que ele deveria ser realizado sem promover a exclusão territorial, de modo que essa sim é negativa para a vida da cidade, principalmente a vida dos mais pobres. Assim, destaca Rolnik (2002, p. 2):

Essa situação de exclusão é muito mais do que a expressão da desigualdade de renda e das desigualdades sociais: ela é agente de reprodução dessa desigualdade. Em uma cidade dividida entre a porção legal, rica e com infraestrutura e a ilegal, pobre e precária, a população que está em situação desfavorável acaba tendo muito pouco acesso a oportunidades de trabalho, cultura ou lazer.

Após as atividades encerradas, houve no terceiro momento uma roda de conversa no intuito de refletir sobre as questões apontadas sobre a história da cidade e o processo de gentrificação que ocorreu no Bairro Patrimônio. Era de interesse que mesmo não concordando com algumas coisas apontadas no momento de aula expositiva, que os alunos saíssem do projeto com a ideia de que são cidadãos históricos ativos e que suas narrativas ajudam a construir a cidade em que vivemos no presente. A roda de conversa fluiu de um modo um pouco tímido e com algumas risadas dos estudantes. De todo modo, os apontamentos dos estudantes foram de que não era justo expulsar os moradores do bairro da forma como o processo foi realizado, dado que os moradores fazem também parte da história da cidade. Houve a compreensão de que a mídia, por vezes, destacava mais a narrativa dos ricos sobre os pobres, do que davam um espaço aberto para que todos pudessem mostrar suas versões dos fatos.

Ao término do desenvolvimento do projeto, no exercício de ler as respostas dos alunos, foi possível notar que a grande maioria dos estudantes não estavam muito com vontade de escrever ou tinham dificuldades em fazê-lo. Porém, pelas respostas, foi possível observar, ao menos um pouco, o que o desenvolvimento do projeto os fez refletir sobre a cidade de Uberlândia e a história escrita e contada sobre ela.

O motivo pelo qual a atividade talvez não tenha sido um grande “sucesso” entre os estudantes da Escola Estadual Segismundo Pereira se deve a inúmeros motivos. Entre eles, talvez o desânimo de estar na escola em um sábado letivo pela manhã, a ansiedade para terminar a atividade rapidamente já que os jogos da interclasse aconteceriam após as atividades das oficinas ou, o que pode ser mais provável, o formato da oficina em que o projeto foi

desenvolvido, todo de uma vez e não em etapas, tenha ficado cansativo para os estudantes. Todos esses fatores em consonância a não aproximação e desinteresse pelo tema.

Não é possível descartar também a possibilidade de os estudantes não terem se identificado com a linguagem, abordagem e atividades escolhidas pelos estagiários. Todos esses pontos levantados podem ser motivos válidos para as respostas dos estudantes, não deixando de lado, é claro, a bagagem que cada um traz de suas próprias vivências. Outro ponto importante, é que não se pode descartar a informação presente no projeto político pedagógico da escola, em que ela informa que os estudantes são maioria de classe média (Escola Estadual Segismundo Pereira, 2020, p. 20). Apesar de que, pelas respostas obtidas, tal informação não foi colocada de modo claro.

Um dos pontos que mais se diferencia da experiência aplicada na Escola Estadual Hortêncio Diniz e a Escola Estadual Segismundo Pereira, talvez seja uma pausa entre o desenvolvimento do projeto, o momento da aula expositiva dialogada e o momento da atividade prática. Essa pausa é importante porque pode gerar um momento de reflexão, com tempo para digerir todas as informações apresentadas, que fazem parte da história sensível da cidade Uberlândia.

Além da diferença entre as atividades, podemos notar que ao elencar os lugares importantes da cidade no mapa entregue aos estudantes, muitos referenciam lugares como o Shopping, Hospitais, Terminal de Ônibus, o que de forma alguma deixa de ser lugares importantes para a vivência de cada um. Afinal, o shopping é um lugar de lazer e compras, o hospital um lugar de cuidado e o terminal de ônibus um local essencial para a locomoção pela cidade. Porém, poucos foram os estudantes que se referem ao próprio bairro ou os que marcaram bairros pela cidade. Também não justificaram qual a sua relação ou a proximidade que puderam ser percebidos nos espaços destacados pelos discentes. Neste caso, a atividade de pesquisa auxilia ainda mais o movimento de aproximação do estudante com o lugar que ele vive, além de proporcionar autonomia, valor e capacidade essencial no movimento de ensino aprendizagem em busca da emancipação do estudante (Gohn, 2010, p.40-42).

Um outro ponto que também deve ser destacado é que, assim como os estudantes da Escola Hortêncio Diniz, a forma como vemos a cidade tem a ver diretamente com o nosso papel dentro dela e com a vida que se leva dentro dela. Neste sentido, não cabe ao projeto e nem aos graduandos apontar como certo ou errado cada resposta, principalmente levando em consideração que o resultado do projeto são os resultados desses estudantes que vivem a cidade do seu modo e tem suas impressões, apontadas de acordo com a experiência vivida na cidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem aqui proposta só foi possível em razão do componente curricular de “Prointer” que, ao menos dentro da graduação de licenciatura em História, trouxe consigo a oportunidade de trabalhar dentro de sala de aula com temas plurais e interdisciplinares, trazendo reflexões para além da disciplina de História. Enquanto profissionais da educação, nosso objetivo não pode se limitar a transformar os estudantes em mini-historiadores ou mini-matemáticos, mas fazer com que as disciplinas escolares os ensinem a refletir e compreender o mundo além da caixinha escolar.

O projeto tem como objetivo oportunizar aos estudantes o conhecimento e as reflexões acerca de um outro lado da história sobre a urbanização da cidade de Uberlândia, pouco conhecida e pouco discutida dentro de sala de aula. Chamamos a atenção para a gentrificação do espaço urbano e o racismo estrutural presente nestas relações, usando-se da História local em sala de aula. Com isso houve também o objetivo de escutar os estudantes e as suas impressões sobre a cidade em que vivem e experienciam.

Apesar das falhas encontradas na execução do projeto, das dificuldades e particularidades em cada uma das escolas, ainda que não tenha alcançado todos os objetivos propostos, entendo que seja uma proposta que continua válida se contarmos com as experiências estudantis mais diversas, considerando todas as reflexões estudantis como as de sujeitos históricos da cidade que compartilham. Afinal, todos os que vivem na cidade são sujeitos dela e têm direito a ela.

As histórias acerca do Bairro Patrimônio e seus antigos moradores foi recebida de modo positivo e compreensivo pelos estudantes, gerando empatia pela história que podemos considerar, neste caso, como a dos vencidos. Os alunos, de algum modo, conseguiram se colocar no lugar dessas pessoas e entenderem como a história de “progresso” da cidade de Uberlândia os prejudicaram, mas não os contiveram, pois, a Festa do Rosário continua viva dentro da cidade de Uberlândia, apesar dos boicotes.

Neste caso, o trabalho contempla o que se propôs, isto é, ser um modo de trabalhar com a História Local em sala de aula, em diálogo com a realidade material dos estudantes. A análise das respostas estudantis nos permite pensar em propostas diferentes para o futuro como, por exemplo, trabalhar melhor a questão dos estudantes se entenderem como sujeitos históricos. Outro ponto que poderia ter sido mais trabalhado dentro de sala de aula é com a Festa do Congado, mas esta temática/abordagem não poderia ser contemplada de forma aprofundada nas poucas aulas que tínhamos para desenvolver o projeto. Além disso, compreendo que tratar a

Congada na cidade traria outras questões, por exemplo, da intolerância religiosa, da festa e religiosidade como patrimônio imaterial, entre outros temas que merecem uma abordagem aprofundada na perspectiva de uma educação antirracista.

Por fim, entendo que os estudantes não são folhas em branco a serem escritas, mas possuem também sua bagagem própria que, ao encontro do projeto, produziu respostas diferentes entre si e entre o esperado pelos estagiários. Mesmo que alguns estudantes tenham terminado o projeto sem se considerarem sujeitos históricos, a questão ao menos foi colocada para eles refletirem, no qual tiveram espaço livre para se expressar e colocar ao professor as suas questões acerca da temática.

Que este trabalho possa, então, dialogar com outros professores de história, levando em consideração a importância de se falar também sobre a realidade dos estudantes, usando-se do presente-passado e da História Local. Que a luta e resistência dos moradores do Bairro Patrimônio possa se refletir em uma educação antirracista e antissegregacionista porque, afinal, a cidade é um direito de todos.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019. 256 p.

BEZERRA, Juliana. **Congada**. 2024. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/congada/>. Acesso em: 26 mar. 2024.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018. 408 p.

BRAGA, Emanuel Oliveira. Gentrificação. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASILEIRO, Jeremias. Aspectos Socioculturais do Congado de Uberlândia: cultura, tradição, modernidade. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 8, n. 1, 2010. DOI: 10.14393/REP-2009-20070. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20070>. Acesso em: 07 nov. 2023.

BRASILEIRO, Jeremias. **Congado em Uberlândia: espaço de resistência e identidade cultural, 1996-2006**. 2006. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19180/1/CongadoUberlandiaEspaco.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2023.

CARMO, L. C. do. Os caminhos e o direito às escolhas de um grupo. A experiência de trabalho nas "funções de preto" na cidade de Uberlândia. **Revista História & Perspectivas**, [S. l.], v. 1, n. 3637, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19112>. Acesso em: 23 mar. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. 414 p.

CONTAÇÃO da História do Bairro Patrimônio. Direção de Cristiano Cambraia. Produção de Leocídio da Silva Luiz e Rogério Rodrigues. Uberlândia: Close Produtora, 2016. (66 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iaNR15xsWSQ>. Acesso em: 11 abr. 2024.

ESCOLA ESTADUAL HORTÊNCIO DINIZ. **Projeto Político-Pedagógico**. Uberlândia, 2019-2020.

ESCOLA ESTADUAL SEGISMUNDO PEREIRA. **Projeto Político-Pedagógico**. Uberlândia, 2020.

FRIGORÍFICO Omega e o bairro Patrimônio. 2007. Disponível em: <https://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/frigorifico-omega/>. Acesso em: 07 nov. 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de história. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

LUZ, Guilherme Amaral. **“Projetos de vida” ou a BNCC e suas tecnologias (de si)**: impotências da História. In: NORONHA, Gilberto; CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. Na Terceira Margem: teorias, metodologias e sensibilidades do ensino de História [E-book], São Leopoldo-RS: Oikos, 2022. pp. 106-127.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2002.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo Referência do Ensino Médio de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 2020. p. 39.

MORAGAS, Vicente Junqueira. **Que categorias o Censo IBGE utiliza para raça e cor?** 2024. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/que-categorias-o-censo-ibge-utiliza-para-raca-e-cor>. Acesso em: 11 abr. 2024.

MOURA, G. G.; SOARES, B. R. A PERIFERIA DE UBERLÂNDIA/MG: DA SUA ORIGEM ATÉ A SUA EXPANSÃO NOS ANOS 1990. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 10, n. 32, p. 22–40, 2010. DOI: 10.14393/RCG103216156. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16156>. Acesso em: 23 mar. 2024.

NUNES, Débora Costa. **Artes de viver**: bairro patrimônio em um cirandar de sentidos articulados a partir do projeto reduto negro. 2023. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/41178>. Acesso em: 11 abr. 2024.

PAIM, EA; ARAÚJO, HMM Outras memórias, outras heranças e descolonialidades: Contribuições teórico-metodológicas para a história da África e dos afrodescendentes e história dos povos indígenas no Brasil. **Arquivos de análise de políticas educacionais**, [S. l.], v. 92, 2018. DOI: 10.14507/epaa.26.3543. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3543>. Acesso em: 07 nov. 2023.

PAIVA, Ana Victória Guimarães. **Quintal das Fitas**: bairro patrimônio em um cirandar de sentidos articulados a partir do projeto reduto negro. 2023. 141 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/38961>. Acesso em: 11 abr. 2024.

PATRIMÔNIO é o primeiro bairro de Uberlândia. 2019. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/23780/patrimonio-e-o-primeiro-bairro-de-uberlandia>. Acesso em: 07 nov. 2023.

REZNIK, Luís. História local e práticas de memória. In: PEREIRA, Júnia Sales. **Produção de materiais didáticos para a diversidade: patrimônio e práticas de memória numa perspectiva interdisciplinar**. Belo Horizonte, 2010. v. 1. p. 89-110.

RIBEIRO, Darcy. **Ensaio insólitos**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ROLNIK, R. **É possível uma política urbana contra a exclusão?**. Serviço Social e Sociedade, São Paulo - Editora Cortez, v. 72, p. 53-61, 2002.

SANTOS, R. J.; SOUZA JÚNIOR, C. R. B. DE. >‘Já dancei congadas, folias e carnavais’: a festa na condição de resíduo e ato territorial no bairro patrimônio em Uberlândia-MG. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 38, n. 1, p. 73-84, 24 jun. 2016.

TOLENTINO, Átila Bezerra; BRAGA, Emanuel Oliveira (org.). **Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. 5. ed. João Pessoa: Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. 147 p. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno_tematico_educacao_patrimonial_05.pdf. Acesso em: 07 nov. 2024.

UBERLÂNDIA. Prefeitura de Uberlândia. Secretaria da Cultura. **Festa do congado**. 2024. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/patrimonio-historico/bens-tombados-e-registrados/festa-do-congado/#:~:text=A%20Festa%20em%20Louvor%20a,para%20a%20realiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20Festa>. Acesso em: 11 abr. 2024. Acesso em: 07 nov. 2023.